

CLIPPING SEMANAL DE MINERAÇÃO 08 a 23 de dezembro de 2014

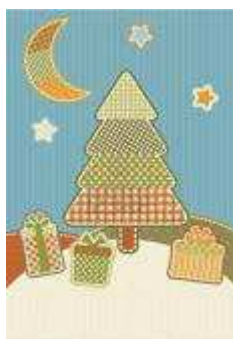
(Coordenação: Karen C. Nasser de F. Borges, Ad Hoc Consultores Associados Ltda)

DESTAQUE DA SEMANA

No Clássico “A Christmas Carol” (Um conto de Natal, na versão portuguesa) Charles Dickens convida o leitor a fazer um balanço de seus atos passados e presentes como forma de projetar o futuro, tendo como crivo a consciência, não para confirmar esse futuro, mas para não perder a oportunidade de muda-lo para melhor.

Passamos o ano analisando nas entrelinhas da “semana passada” as causas dos problemas que enfrentamos e das oportunidades que podemos explorar “nesta semana”. Assim, as mais de cinquenta edições do nosso Clipping Semanal de Mineração foram, a exemplo dos diálogos do personagem de Dickens com os com os espíritos do passado e do presente (os “GhostsofthePastandPresentChristmas”), um convite à mudança, visando um futuro diferente do esperado, um futuro melhor.

Assim, nesta última edição do ano, não faremos análises das matérias publicadas, não faremos hoje nenhuma reflexão mais sobre o passado, deixando para o presente a oportunidade de compartilhar com todos os nossos leitores uma reflexão propositiva que nos fortaleça a esperança e capacidade de construirmos um futuro melhor.



Agradecendo apoio de nossos leitores, amigos e colaboradores por mais um ano, Desejamos a todos um FELIZ NATAL e um ANO NOVO de muita Paz, Amor, Saúde e Fraternidade.
São os votos da equipe AD HOC CONSULTORES ASSOCIADOS LTDA

1-08/12/2014

Mitsui deve comprar ativo da Vale

Por **Francisco Góes | Do Rio**

A Vale está na reta final de negociações para anunciar, em 17 de dezembro, no Rio, o acordo de venda de parte de sua atividade de carvão em Moçambique, na África, integrada por mina, ferrovia e porto. O mercado aposta que o principal candidato à compra é a trading japonesa Mitsui. Há estimativas de que a Vale pode levantar até US\$ 2 bilhões com a transação. O jornal japonês "Nikkei" noticiou que a Mitsui planeja investir US\$ 1,24 bilhão no negócio.

As negociações começaram há mais de um ano e, mais recentemente, os asiáticos, incluindo japoneses e chineses, passaram a ser vistos como potenciais compradores de fatia da área de carvão da Vale. Mitsui e Mitsubishi despontaram como candidatas ao acordo. São tradings que entendem desse mercado e possuem participações acionárias em várias minas de carvão, o que lhes dá direito a fatias de produção que comercializam. Mas como são concorrentes só parece haver espaço para uma delas no negócio com a Vale e, ao que tudo indica, a Mitsui chegou na frente.

Nos encontros com investidores em Nova York e Londres, semana passada, o presidente da Vale, Murilo Ferreira, disse que só falaria sobre carvão dia 17. E indicou que a empresa vem trabalhando para fechar a transação nesse setor nas próximas semanas. Para a Vale, a entrada do novo sócio é oportuna já que a mineradora enfrenta cenário de maior restrição de caixa com a queda do preço do minério de ferro, seu principal produto. O componente caixa não era prioritário no começo da negociação, mas vai ser em 2015. Os japoneses podem aportar financiamento de baixo custo para o projeto de carvão, parte do qual foi realizado.

Segundo o "Nikkei", a Vale deve vender fatia entre 15% e 25% da mina de carvão de Moatize, em Moçambique, para a Mitsui. No mercado, comenta-se que a venda será de 15% por mais de US\$ 400 milhões. O negócio inclui ainda metade dos 70% que a Vale tem no Corredor Nacala, formado por 912 quilômetros de ferrovia e por um porto. O Banco Japonês de Cooperação Internacional deve financiar parte da transação, disse o jornal.

A Vale vai ganhar um parceiro estratégico de longo prazo, capaz de aceitar prejuízo com a operação a curto prazo. E também um sócio que pode reforçar o apoio político em Moçambique. Este ano, o primeiro-ministro japonês, Shinzo Abe, visitou o país acompanhado de delegação de empresários. Moçambique tornou-se país estratégico para o Japão na África, considerando as reservas de carvão, petróleo e gás natural descobertas no país africano. Na visão de analistas, ao investir em uma parceria com a

Vale, os japoneses marcam posição na África para garantir acesso a recursos naturais. Seguem caminho semelhante ao dos chineses.

2-08/12/2014

Vale negocia com "um potencial investidor" ativos de carvão em Moçambique



RIO DE JANEIRO (Reuters) - A mineradora Vale afirmou nesta sexta-feira que negocia com "um potencial investidor" uma parcela de seus ativos de mina e logística de carvão em Moçambique, segundo comunicado esclarecendo notícias publicadas recentemente.

Na quinta-feira, duas fontes próximas das discussões afirmaram à Reuters que a trading de commodities japonesa Mitsui & Co está em negociações com a Vale para comprar uma fatia do projeto de carvão de Moatize.

Sob os termos da venda, a Mitsui irá comprar da Vale 15 por cento da mina por cerca de 450 milhões de dólares, afirmou uma das fontes.

A mesma fonte acrescentou que a trading japonesa terá uma participação de 50 por cento nos projetos ferroviário e portuário, sob condição de contribuir com os custos de investimento futuros.

A Vale, que tem sido afetada por uma dramática queda no preço do minério de ferro, sua principal fonte de lucro, afirmou anteriormente que pretendia vender participações em seus ativos de carvão, que estão espalhados entre Austrália e Moçambique.

A Mitsui se negou a fazer comentários.

Executivos da Vale disseram em evento para investidores em Londres, nesta sexta-feira, que a companhia não poderia fazer mais comentários, e que faria uma atualização sobre o assunto em 17 de dezembro.

Moatize, uma das maiores minas de carvão metalúrgico do mundo, foi visto como um trunfo da Vale em sua carteira de ativos.

Mas não tem sido fácil de encontrar um comprador. Os preços do carvão têm diminuído de forma constante por mais de três anos, a demanda não foi capaz de acompanhar o ritmo do aumento da produção.

No mês passado, os futuros de carvão na Europa caíram para 69,60 dólares por tonelada, seu nível mais baixo desde 2007.

(Reportagem de Stephen Eisenhammer; com reportagem adicional de Sarah McFarlane e Eric Onstad em Londres)

3-08/12/2014

Bank of America rebaixa Vale e BTG Pactual eleva Fibria e Ser Educacional

Por Camila Maia e Daniela Meibak | De São Paulo

O Bank of America (BofA) rebaixou a recomendação para as ações da Vale para neutra e cortou o preço-alvo das ações para R\$ 25,50. Ao mesmo tempo, o preço-alvo das ADRs, recibos de ações negociados na bolsa de Nova York, caiu para US\$ 9,50.

Segundo o relatório do banco americano, há incertezas relacionadas aos preços do minério de ferro, que justificam as mudanças nas recomendações.

Os novos preços-alvo representam prêmio de cerca de 36,4% em relação ao fechamento da PNA da Vale da sexta-feira - de R\$ 18,70 - e de 13,7% ante o preço de fechamento das ADRs em Nova York, de US\$ 8,35, na quinta-feira.

O Bank of America reduziu também as suas projeções para os preços de minério de ferro, que devem tocar a faixa de US\$ 60 por tonelada em 2015, no ponto mínimo. As ações de empresas que dependem desses preços devem permanecer pressionadas, "já que os investidores não têm confiança sobre onde está a mínima do preço", relatam analistas do BofA.

A revisão do preço do minério de ferro em 2015 caiu de US\$ 80 por tonelada para US\$ 70 por tonelada. Em 2016, o preço passou de US\$ 80 para US\$ 65, enquanto a projeção de longo prazo saiu de US\$ 86 por tonelada para US\$ 75 por tonelada.

Essas mudanças de valores refletiram a visão do banco de que o excesso de oferta permanecerá no mercado "por um tempo" antes de as reduções de capacidade acontecerem.

Os gastos de capital da Vale devem continuar se intensificando entre 2015 e 2016, com os ainda elevados investimentos e o pagamento previsto de US\$ 2 bilhões em dividendos.

Além disso, o endividamento da companhia continuará crescendo, atingindo uma relação entre dívida líquida e Ebitda de três vezes em meados de 2016.

A recomendação das ações da Vale, na visão do Bank of America, não é de venda pois a companhia tem concorrentes em situação significativamente pior. Outros fatores que ajudam a empresa brasileira são o crescimento da produção em Carajás e a desvalorização do real, que significam custos operacionais menores. Além disso, o segmento de metais básicos também ajuda a proporcionar uma garantia de caixa para a empresa.

O BTG Pactual efetuou a revisão de duas companhias. Em uma delas, o banco elevou o preço-alvo para as ações da fabricante de celulose Fibria, de R\$ 25 para R\$ 32, refletindo as expectativas de aumento dos preços da celulose no mercado internacional e a queda do real na comparação com o dólar. O novo preço representa prêmio de 3,6% ante o preço de fechamento da semana passada, de R\$ 30,90. Já a recomendação para os papéis continua em neutra.

O BTG Pactual participou de um evento promovido pela Fibria em Nova York na quinta-feira da semana passada com investidores e afirmou que deixou o local "convencido da capacidade do programa de administração de gastos da companhia".

Porém, na questão de eventuais fusões e aquisições, "depois de ouvirmos que 'os custos para fusões e aquisições são muito altos', estamos mais céticos sobre o potencial dessas transações para a Fibria, considerando as percepções conflituosas sobre valores entre os compradores e os vendedores", destacou o BTG em relatório.

O banco ressaltou ainda que os estoques de celulose da China estão baixos enquanto a demanda permanece forte, o que deve beneficiar a companhia brasileira.

Em outra revisão, o BTG Pactual elevou o preço-alvo para as ações do grupo de educação Ser Educacional de R\$ 37 para R\$ 39, com recomendação de compra. A empresa é a predileta do setor para o banco, com potencial de alta de mais de 35% em relação ao atual patamar do papel.

A casa de análise se reuniu com a direção da companhia e voltou com uma visão positiva sobre o crescimento da empresa e a integração da Universidade da Amazônia (Unama). Segundo a companhia, a Unama tem uma posição única no Estado do Pará, com uma marca bem reconhecida e um alto tíquete médio, o que significa que não compete diretamente com as operações de Maurício de Nassau, outro grupo universitário que atua na capital do Pará, adquirida pela Ser Educacional em 2008.

De acordo com o BTG, o diretor financeiro da companhia, Habib Bichara, afirmou que a integração da Unama está a todo vapor. "A Ser espera ter toda a integração dos sistemas de tecnologia, dos centros de serviços e da parte administrativa no primeiro semestre de 2015 e, simultaneamente, planeja implementar modelos acadêmicos", explica a equipe de analistas formada por Gustavo Cambauva, Rodrigo Gastim e João Carlos Santos.

A corretora atualizou suas estimativas para incorporar os resultados do terceiro trimestre e atualizações sobre a Unama. Como resultado, o BTG elevou as projeções de lucro por ação e Ebitda para 2015 em 4% e 5%, respectivamente.

4-08/12/2014

Alta nos preços deve ser gradual, dizem analistas

Por **Do Rio- Valor**

A parceria da Vale na área de carvão com um sócio estratégico, possivelmente a japonesa Mitsui, levou mais tempo do que a mineradora brasileira imaginava. A previsão inicial da Vale era fechar o acordo em meados deste ano. Mas as más condições do mercado de carvão tornaram mais difíceis, para a Vale, capturar o valor pretendido na transação. Agora um acordo é esperado para o dia 17. Ao confirmarem a compra de uma fatia da atividade de carvão da Vale, os japoneses vão entrar no negócio com visão de longo prazo.

A curto prazo, as perspectivas do mercado de carvão metalúrgico, usado como insumo na siderurgia, não são otimistas. Um analista disse que poderá ocorrer uma mudança gradativa no setor, mas é difícil prever se haverá recuperação nos preços em 2015, hipótese pouco provável. O mercado poderia melhorar a partir de 2016.

Os preços do carvão metalúrgico no mercado chinês estão na faixa de US\$ 120 por tonelada para o produto premium. A cotação é cerca de um terço do pico de US\$ 360 por tonelada de 2011, quando os produtores viveram uma "bonança". O cenário foi resultado de prejuízos causados por chuvas na produção na Austrália, o grande produtor mundial, e por uma demanda maior do mercado, em especial da China. Mas depois desse "boom" o mercado recuou.

Mercado internacional de carvão metalúrgico é de 300 mi de toneladas, dos quais 6% devem fechar, incluindo Vale

Um especialista no setor disse não ver perspectivas de melhoria para 2015 e afirmou que, mesmo com cortes na produção, os preços do carvão metalúrgico não mudaram de patamar. Estimativas indicam que poderia haver redução entre 15 milhões e 20 milhões de toneladas por ano na capacidade de produção a partir de janeiro. A Vale vai contribuir com uma parcela importante desse volume, algo como 6 milhões de toneladas, com as paradas das minas australianas de Isaac Plains e Integra Coal. A empresa anunciou parada para manutenção desses dois complexos este ano. Outros produtores fecharam operações na Austrália e nos Estados Unidos.

Mas os cortes parecem ser insuficientes frente a um mercado com muita oferta. O mercado internacional de carvão metalúrgico é de 300 milhões de toneladas por ano. Um corte de 20 milhões de toneladas na capacidade de produção significa, portanto,

redução de 6% na oferta no mercado internacional. Os grandes produtores australianos, com custo baixo, continuam a aumentar a produção com estratégia de diluir custos. Eles têm a seu favor, nos últimos meses, a desvalorização do dólar australiano em relação do dólar americano, o que os torna ainda mais competitivos. Os produtores menores na Austrália vivem o dilema de parar ou continuar a produzir uma vez que precisam arcar com custos fixos de transporte com ferrovias e portos (contratos de "takeorpay").

Outro risco para o mercado é a possibilidade de a China passar a exportar carvão metalúrgico em 2015. Um analista disse que o país faz importações "oportunistas" de carvão. O país importa quando os preços estão em baixa. "Quando o preço sobe muito no mercado internacional, eles saem [do mercado de importação] e dão estímulo para aumentar a produção doméstica." Com boas reservas, a China está perto da autossuficiência e produz para atender mais de 90% do carvão que precisa.

5-08/12/2014

VLI tem plano de investir R\$ 9 bi e dobrar capacidade

Por **Fábio Pupo e Ivo Ribeiro** | De São Paulo

A Valor da Logística Integrada (VLI), empresa criada em 2010 que "herdou" os ativos logísticos da mineradora Vale, completou sua capitalização e agora dedica as atenções à estruturação operacional do negócio. Estão previstos R\$ 9 bilhões de investimentos até 2018, entre capital próprio e financiamento, para dobrar a capacidade de movimentação do sistema. Paralelamente ao plano, a empresa negocia a devolução de trechos de ferrovia à União e já se prepara para atuar no novo modelo de operação ferroviária criado pelo governo Dilma Rousseff.

Os investimentos da VLI ocorrem após conclusão, há quatro meses, de uma capitalização de R\$ 2 bilhões com a entrada de novos acionistas no bloco de controle. Um fundo gerido pela Brookfield Asset Management comprou 26,5%. A japonesa Mitsui adquiriu 20% e mais 15,9% ficaram com Fundo de Investimento do Fundo de Garantia do Tempo de Serviço (FI-FGTS). A estratégia da Vale, que ganhou R\$ 2,7 bilhões com a redução de sua participação para 37,6%, era reduzir a exposição a ativos não principais.

Marcello Spinelli, presidente da VLI, disse ao **Valor** - em sua primeira entrevista após a nova estrutura societária -, que seu principal desafio agora é "montar" a estrutura operacional da empresa. "No fundo, a VLI ainda é um quebra-cabeça e nós estamos preenchendo as peças. O sistema não está completo", resume.

Entre os principais investimentos, está obra de R\$ 2,2 bilhões no Terminal Integrador Portuário Luiz Antonio Mesquita (Tiplam), em Cubatão (SP). Hoje, o terminal voltado à descarga de enxofre, rocha fosfática, fertilizantes e amônia e está apto a movimentar 2,6

milhões de toneladas ao ano. No futuro, vai movimentar também grãos e açúcar e ainda quintuplicar a capacidade atual para 14,7 milhões de toneladas/ano. A previsão é concluir as obras em 2016.

Outro investimento é o montante de R\$ 3,5 bilhões destinado à megacompra de 10 mil vagões e 220 locomotivas. Neste ano, já foram compradas 42 locomotivas (sendo 34 de fabricação no Brasil) e 2.155 vagões, todos nacionais.

Spinelli diz que, apesar dos investimentos em material rodante, a empresa tem que dedicar esforços à melhoria nas extremidades do sistema operacional, o que significa melhorar terminais e portos. "Hoje, o trem fica 40% do tempo da viagem parado nas pontas. Então, não adianta ter um trem com velocidade supersônica e ficar esperando no porto". Por isso, se inspirou no conceito operacional da Vale ao controlar terminais no interior, ferrovias e portos. "Montamos um modelo que não é uma grande novidade, mas é um conceito vencedor para grandes escalas", diz.

A VLI controla duas concessionárias de ferrovia. Uma delas é a Ferrovia Centro-Atlântica (FCA), com 7,2 mil km de extensão e passa por Minas Gerais, Espírito Santo, Rio de Janeiro, Sergipe, Goiás, Bahia, São Paulo e Distrito Federal. A outra é a Ferrovia Norte-Sul, com 720 km de linha de Açailândia (MA) a Porto Nacional (TO). Além disso, tem contratos para transportar cargas nas ferrovias sob concessão da Vale: Estrada de Ferro Vitória a Minas (EFVM) e Estrada de Ferro Carajás (EFC).

No ano passado, com transporte de 46 milhões de toneladas, entre produtos agrícolas (um terço), siderúrgicos (outro terço) e industrializados, a VLI teve receita líquida de R\$ 2,6 bilhões. Em 2014, até o terceiro trimestre, foram 35,5 milhões de toneladas.

Com a expansão, o transporte e embarque de açúcar (4 milhões de toneladas) e de fertilizantes vão ganhar destaque no mix de cargas. Assim, o segmento agrícola ampliará seu peso no total.

A empresa descarta participar de leilões de concessão de ferrovias a serem leiloadas pelo governo federal. No entanto, diz ter interesse em trabalhar como transportador na malha a ser construída. No modelo criado pelo governo, um concessionário (o chamado gestor de infraestrutura ferroviária, ou GIF) assume o contrato para a construção e manutenção da via, mas não pode transportar carga. A estatal federal Valec é quem assume a comercialização da capacidade da via a diferentes transportadores - o operador ferroviária independente, ou OFI. "Temos total interesse em participar do PIL [Programa de Investimentos em Logística, o pacote de concessões]. Não como concessionário de infraestrutura, mas sim como OFI", diz Spinelli.

O executivo revela ainda que a empresa já registrou no governo um pedido para se tornar transportadora no trecho da Norte-Sul recém-concluído pela Valec de Anápolis (GO) a Palmas (TO). "Hoje, o trecho está parado. Porque, depois de a ferrovia estar pronta, tem que fazer toda a infraestrutura que nasce em volta, como terminais. Para carregar grãos, é um ano pelo menos", afirma. A VLI atuaria nesse novo trecho sob um

regime em que a Valec controla a infraestrutura ferroviária e vende cotas de movimentação a diferentes interessados privados - a VLI seria um deles. O trecho atraiu pelo menos mais um transportador, mas a estatal não divulga o nome dos que se manifestaram, justificando que o processo é sigiloso.

Paralelamente à vontade de participar do novo modelo, a VLI continua negociando com o governo a devolução de trechos da ferrovia da FCA à União. A negociação mais fácil foi a de trechos considerados antieconômicos, que já estavam sem operação por ausência de demanda. Nesses casos, os investimentos que seriam necessários para recuperar as condições da via foram convertidos em obras em trechos com transporte regular, como obras para melhoria de cruzamentos em espaços urbanos.

O investimento alcança R\$ 956 milhões, informou a VLI, a serem feitos até o fim da concessão. "A grande negociação foi de quanto seria esse valor. Foi ótimo, excelente. O bom acordo é aquele que você resolve problemas. Nós resolvemos esse", afirma Spinelli.

Além dos trechos "antieconômicos", o governo federal requereu a devolução de linhas da FCA em operação. O objetivo é fazê-las se integrar ou se conectar com os trechos do novo modelo de ferrovias do país. A FCA concordou em devolver, ficando garantida à empresa uma quantidade pré-definida de capacidade operacional a ser utilizada pela FCA nos novos trechos do PIL. A empresa segue operando esses trechos até que o PIL entre em operação ou a Agência Nacional de Transportes Terrestres (ANTT) autorize a desmobilização.

6-08/12/2014

Importação de minério de ferro pela China tem 2º menor volume do ano

Reuters

XANGAI (Reuters) - As importações chinesas de minério de ferro caíram para o segundo menor volume do ano, mostraram dados de novembro divulgados nesta segunda-feira, com siderúrgicas e comerciantes no maior consumidor do mundo segurando os negócios na expectativa de mais quedas de preços.

Os embarques para a China deslizaram 15,1 por cento, para 67,4 milhões de toneladas no mês passado, ante outubro, e caíram 13,4 por cento sobre novembro de 2013, de acordo com dados divulgados pela Administração Geral das Alfândegas.

O volume importado foi o menor desde as 61,2 milhões de toneladas de fevereiro.

O total das importações em 11 meses ainda aumentou 13,4 por cento, para 846 milhões de toneladas, na comparação com o mesmo período anterior.

A desaceleração do crescimento econômico na China atingiu a demanda de uma série de commodities, incluindo minério de ferro e aço.

Os preços do minério de ferro têm sido atingidos também por um aumento da oferta da Austrália e Brasil, os dois maiores fornecedores do mundo.

"Enquanto algumas siderúrgicas construíram estoques em outubro com os preços caindo, grandes comerciantes têm amplamente cortado suas compras, especialmente porque eles não vêem qualquer melhoria nos preços em um mercado bem abastecido", disse o analista Jin Tao, da GuotaiJunan Futures, em Xangai.

Os preços spot do minério de ferro caíram 11 por cento em novembro e perderam 47 por cento de seu valor no ano, em um mercado com excesso de oferta.

(Reportagem de Richard Pullin)

7-08/12/2014

Petrobras e Vale perdem espaço na carteira teórica e refletem momento do mercado

Ao mesmo tempo em que os bancos têm no maior valor de mercado um impulso para que o setor financeiro ganhe peso no Ibovespa, as estatais vivem o movimento contrário ao perderem valor como reflexo da ingerência política, que sempre permeou a volatilidade desses papéis. No epicentro dessa destruição de valor de mercado está hoje a Petrobras. O papel PN, que chegou a concentrar 18,38% do Ibovespa em janeiro de 2003, passou para uma participação prevista de 5,542% na carteira que vai vigorar de janeiro a abril.

“Acredito que esta carteira seja a fotografia do momento, dado que este índice se molda melhor ao que está acontecendo no mercado”, disse uma fonte que preferiu não ser identificada, lembrando que Petrobras vem caindo muito devido à gestão e ao declínio das cotações do petróleo. A fonte lembrou que Vale também vem perdendo peso em razão da queda do preço do minério de ferro. Segundo o profissional, no índice anterior a quantidade teórica de Petrobras e Vale aumentariam com esta queda.

Na comparação com a carteira de setembro a dezembro, Petrobras ON recuou de 5,534% para 3,529% e Petrobras PN de 8,700% para 5,542%. O valor de mercado da Petrobras era de mais de R\$ 162 bilhões até o fechamento da semana passada, montante 28,2% menor que o visto em um ano, segundo dados do Broadcast, serviço de notícias em tempo real da Agência Estado.

“A participação da Petrobras no Ibovespa tende a reduzir ainda mais no futuro, considerando a conjuntura contra e a expectativa de redução de valor de mercado da companhia, que pode oscilar fortemente em função dos possíveis desdobramentos do processo movido pela Securities and Exchange Commission (SEC)”, diz um gestor.

Segundo ele, o mesmo pode resultar na suspensão de negociação dos ADRs da companhia na bolsa de NY, o que poderia implicar na forte redução de exposição de investidores estrangeiros que possuem ações da petrolífera. O gestor também cita a trajetória cadente do preço do barril de petróleo no mercado internacional que, dependendo do patamar, pode, inclusive, inviabilizar os investimentos no Pré-Sal por conta do custo de extração, ainda que em um primeiro momento, a queda nos preços internacionais favoreça a cia.

Além de Petrobras, a participação de Vale PNA também caiu, passou de 4,503% para 4,029% e a ON de 3,394% para 3,155%. A queda do preço do minério de ferro em 2014 é uma das vertentes que dita a desvalorização dos papéis. Em novembro, o preço do minério está em cerca de US\$ 70 a tonelada no mercado à vista chinês, contra US\$ 135 a tonelada registrado no início de janeiro.

No setor elétrico, o destaque foi a saída das ações PN da Eletropaulo da primeira prévia para o Ibovespa de janeiro a abril de 2015. A companhia tinha participação de 0,088%, segundo a carteira válida de setembro a dezembro deste ano.

A exclusão das ações já era esperada pelo mercado, segundo relatórios divulgados pelo BTG Pactual e Itaú BBA. Um operador comentou que a saída segue critérios técnicos, já que os papéis não supriram os critérios de liquidez e negociabilidade (freefloat) mínima para justificar sua manutenção no índice. O setor elétrico possui peso de 4,199%, segundo a prévia divulgada hoje. Na carteira anterior, a participação era de 4,531%.

A nova metodologia do índice entrou em vigor a partir de maio último e dá um peso relevante para o valor de mercado das empresas. Na regra antiga, o maior peso das variáveis era a negociabilidade, que por sua vez era muito influenciada pela liquidez do papel. O primeiro grande teste para a nova metodologia se deu no primeiro pregão após a confirmação da reeleição da presidente Dilma Rousseff. Naquele dia, os papéis de estatais, que formam o que o mercado batizou de “kit eleições, caíram forte em resposta ao resultado das urnas, mas o fato de terem uma exposição menor no indicador evitou que o índice baixasse mais ou até uma interrupção do pregão, o chamado circuitbreaker que é acionado quando o Ibovespa atinge desvalorização de 10%.

Fonte: Jornal a Cidade

8-09/12/2014

Desmatamento prejudica metas para conter mudança climática, mostra relatório

Por Por Chris Arsenault | Reuters

ROMA (Thomson Reuters Foundation) - Minas, plantações de óleo de palma, grandes fazendas e projetos de mineração estão contribuindo para um ritmo alarmante na destruição das florestas, revelou um novo relatório, atrapalhando os esforços para conter o aquecimento global.

Imagens de satélite indicam que mais de 30 mil hectares de florestas são destruídos diariamente, afirmou o relatório “Protegendo Florestas, Protegendo Direitos”, lançado no Peru nesta segunda-feira por uma coalizão de grupos ativistas durante as conversas internacionais da cúpula climática da Organização das Nações Unidas (ONU).

As florestas desempenham um papel crucial na remoção de dióxido de carbono da atmosfera, e desmatá-las agrava o aquecimento global.

Ao longo da última década, uma média total de 13 milhões de hectares de florestas foram derrubadas anualmente, e as florestas tropicais foram especialmente afetadas.

“A expansão de indústrias como as de mineração, extração de óleo de palma e do agronegócio são os propulsores ocultos do desmatamento”, afirmou à Thomson Reuters Foundation Helen Tugendhat, coordenadora do Programa dos Povos das Florestas, um dos grupos que pesquisaram para o relatório.

O documento pretende mostrar que as comunidades indígenas que vivem nas florestas do mundo muitas vezes são os melhores protetores da terra, por preservarem as árvores e frearem a mudança climática.

Mas os governos que procuram incentivar o crescimento econômico são ávidos para explorar os recursos das áreas florestadas, disse Tugendhat, muitas vezes desencadeando o deslocamento de comunidades nativas.

Para permitir que grandes projetos sejam realizados, estes mesmos Estados frequentemente culpam os povos locais pela má administração das florestas de forma a poderem ter acesso às terras e às riquezas que escondem, declarou ela.

As florestas cobrem 30 por cento da superfície do planeta e abrigam estimados 350 milhões de indígenas, cujas culturas e meios de sobrevivência dependem delas.

O relatório exorta empresas, governos e consumidores a desacelerar a produção e o comércio de commodities derivados do desmatamento e citou estudos de caso de Indonésia, Malásia, Camarões e República Democrática do Congo.

“As operações comerciais (da República Democrática do Congo) em terras florestadas envolvem a tomada de terras e a expulsão, trabalho forçado, prisões arbitrárias, estupro, tortura e assassinado de membros da comunidade”, afirma o documento.

Alguns países, entretanto – incluindo o Brasil – obtiveram reduções notáveis em suas taxas de desmatamento.

9-09/12/2014

Robô da Nasa em Marte encontra indício de lago em local de pouso

Por Por Irene Klotz | Reuters

CABO CANAVERAL, Estados Unidos (Reuters) - Bilhões de anos atrás, um lago preenchia a cratera de 154 quilômetros de largura sendo explorada pelo Curiosity, o robô da Agência Espacial dos Estados Unidos (Nasa, na sigla em inglês) que vaga por Marte, fortalecendo os indícios de que o planeta mais parecido com a Terra no sistema solar foi adequado para a vida microbiana, disseram cientistas nesta segunda-feira.

As novas descobertas combinam mais de dois anos de dados coletados pelo veículo desde seu pouso dentro da Cratera Gale em agosto de 2012.

Os cientistas descobriram pilhas de rochas contendo sedimentos deixados pela água e inclinados rumo ao centro da cratera, que agora exhibe um morro de cinco quilômetros chamado Monte Sharp.

Isso pode significar que o monte não existia durante um período de tempo de aproximadamente 3,5 bilhões de anos atrás, quando a cratera estava cheia de água, afirmaram os pesquisadores a cargo do Curiosity a repórteres durante uma teleconferência.

“Encontrar os estratos inclinados foi... uma surpresa total”, disse o cientista-chefe, John Grotzinger, do Instituto de Tecnologia da Califórnia, em Pasadena.

“A geologia sedimentária... é o que há de mais avançado para tentar entender a Terra. Quando as petroleiras coletam amostras sísmicas, estão procurando estratos inclinados porque... você obtém uma geometria que mostra onde estão as rochas que você procura”, acrescentou.

Pouco depois de pousar, o Curiosity descobriu que Marte já teve os ingredientes químicos e as condições ambientais necessárias para conter vida microbiana, cumprindo o objetivo principal de sua missão.

“O tamanho do lago na Cratera Gale e a extensão de tempo e de séries mostrando que a água estava presente implica que pode ter havido tempo suficiente para a vida surgir e florescer”, disse o cientista Michael Meyer, do Programa de Exploração de Marte da Nasa.

10-09/12/2014

Distorções brasileiras: amanhã terá uma audiência pública sobre o impacto do uso da água pela mineração

Nesta terça às 14 horas a Comissão dos Direitos Humanos fará uma audiência pública para ouvir as lideranças sobre a escassez de água causada pela mineração. O senador João Capiberibe diz que o consumo de água pela irrigação agrícola, indústria e mineração é cinco vezes maior do que o usado no abastecimento público.

Será isso culpa da mineração ou das prefeituras que não investem na captação, armazenagem, tratamento e distribuição de água? Será que devemos colocar a culpa nos mineradores ou na indústria por usarem, e pagarem, pelo que necessitam ou no governo que não investe para fornecer o mínimo que o País precisa?

O que se vê neste país é uma miopia que distorce propositalmente os números do país para esconder aqueles governos, mergulhados na corrupção, que não investem em obras de infraestrutura. Quando a situação aperta, esses se apressam a colocar a culpa em alguém, tentando esconder, debaixo do tapete, décadas de maracutaias e sua própria ineficiência.

Em países sérios é do interesse da sociedade que a agricultura a indústria, a mineração e a população sejam atendidas na sua plenitude. Aqui no Brasil, onde a corrupção atinge cifras multibilionárias, é claro que isso não é possível. Alguém tem que sofrer...

Achamos muito interessante que a audiência pública não foque em um dos principais problemas do país: a poluição das águas superficiais, e subterrâneas. São esses problemas, juntamente com a falta de investimentos no setor e com o desvio de verbas públicas que causam os males que estamos hoje sentindo.

Fonte: www.geólogo.com.br

11-09/12/2014

Suécia: mais uma vítima da guerra do minério de ferro

A Suécia é o sétimo país do mundo quando se fala em PIB per capita. Sua população de menos de 10 milhões de habitantes tem poucas desigualdades sociais com um dos

melhores IDH do planeta. Mas, graças a queda de preço do minério de ferro, essa situação privilegiada começa a mudar.

O país tem no minério de ferro um dos mais importantes itens da sua economia. Minas como a gigante Kiruna, onde o minério de ferro é lavrado a mais de 2.000m de profundidade, sempre foram referência na mineração mundial. Infelizmente, algumas minas suecas, com custos mais elevados já estão entrando em falência.

É o caso das minas da região do Barents onde a Northland Resources opera. Esta empresa, é uma das grandes a pedir falência após não ter conseguido refinar a sua dívida de US\$650 milhões. A Northland vem claudicando desde que os preços do minério de ferro começaram a sua inexorável queda. Agora a empresa foi forçada a demitir todos os seus funcionários e fechar a sua maior mina a Kaunisvaara. Este projeto conta com duas jazidas de minério de ferro a 100km do círculo Ártico. São jazimentos do tipo IOCG que produzem um concentrado com 69% de ferro. As jazidas tinham ainda 19 anos de vida antes de serem paralisadas.

Com o fechamento destas minas pela primeira vez o desemprego passa a assombrar a região. O município de Pajala, que tinha uma das melhores taxas de desemprego de toda a Suécia, passa agora a ter a pior. Outras minas suecas, nas regiões de Kirkenes deverão fechar, vítimas dos baixos preços e da falta de competitividade. A situação pode se alastrar rapidamente às minas da Rússia, na Península de Kola e na Noruega, todas afetadas pelo mesmo problema.

Enquanto isso, sem considerar os estragos e as vidas que estão afetando as três grandes, Rio, Vale e BHP continuam acelerando a produção e, conseqüentemente, matando, literalmente a concorrência.

Fonte: www.geólogo.com.br

12-09/12/2014

“Simandou: Vale, sob pressão, cede e pode tentar um acordo com a Rio Tinto

O caso Simandou, que já causou bilhões de dólares de prejuízos para a Vale, ainda não terminou. Cinquenta por cento do projeto de minério de ferro Simandou, na Guiné, foi tomado da Rio Tinto em condições fraudulentas, detonando um dos grandes escândalos da mineração recente.

A história do envolvimento da Vale narrada pela mídia e nos tribunais é, no mínimo, estranha e cheia de possíveis inferências...

Veja o que é contado e decida você mesmo: Na raiz do processo a Vale, a título de interesse em participar do projeto, conseguiu da Rio Tinto informações privilegiadas e confidenciais. De posse destas informações ela definiu o seu interesse na compra. Mas, ao invés de comprar a parte da Rio Tinto, ela se associou ao grupo de Steinmetz que nada tinha de Simandou.

Neste momento inicial a Vale pagou para Steinmetz e sua mineradora a BSG Resources a quantia de US\$500 milhões por 51% do projeto, que segundo consta ainda não era de Steinmetz. Logo após o recebimento da entrada de US\$500 milhões a BSG, como em um passe de mágica, pagou uma quantia equivalente a US\$200 milhões para subornar altos funcionários da Guiné. Após o suborno a Rio Tinto que era dona de 100% de Simandou foi forçada pelo Ministério de Minas da Guiné a “perder” 50% da jazida.

Esses 50% foram parar nas mãos de Steinmetz e da Vale...

A Vale e Steinmetz negam qualquer conduta fraudulenta. Mesmo assim após um processo judicial o Governo da Guiné condenou a BSG Resources e cassou as áreas que já estavam sendo operadas pela Vale em abril deste ano. Assim que o as áreas da Vale foram cassadas a Rio Tinto, que perdeu bilhões entre investimentos e desenvolvimento, entrou na justiça contra a Vale e a BSG.

A Rio quer recuperar os vários bilhões perdidos e muito mais...

Na causa, que se desenrola nos Estados Unidos, a Vale e a BSG são literalmente acusadas de roubo. E, somente agora, quando a situação parece irremediavelmente perdida que a Vale se pronuncia e diz que possivelmente vai considerar um acordo não judicial, “para reduzir os custos elevados da arbitragem americana”. Mas, segundo o Sr. Clóvis Torres da Vale, o acordo “não será uma aceitação de culpa”. Será?

Fonte: www.geólogo.com.br

13-09/12/2014

Vale firma acordo com Mitsui para venda de 15% da Vale Moçambique

Por Beth Moreira | Estadão Conteúdo

A Vale informa que firmou acordo de investimento com a Mitsui & Co., Ltd. para venda de 15% da participação na Vale Moçambique (VM) - proprietária de 95% da mina de Moatize - e 50% da participação de 70% da Vale no Corredor Logístico de Nacala (CLN) - por US\$ 450 milhões. Em comunicado ao mercado, a mineradora brasileira detalha que após a conclusão da transação, que envolverá aumento de capital e transferência parcial da dívida contraída por Moatize e pelo CLN junto à Vale, a Vale passará a deter indiretamente 81% da mina de Moatize e aproximadamente 35% do CLN, compartilhando o controle com a Mitsui. Segundo a empresa, a transação está sujeita a algumas condições precedentes, mas sua conclusão está prevista para 2015.

Além dos US\$ 450 milhões, a Mitsui poderá adicionalmente pagar US\$ 30 milhões relacionados a uma cláusula de earn out. Uma cláusula de claw-back de até US\$ 120 milhões está embutida nos US\$ 450 milhões. "Tanto os valores de earn out quanto os de

claw-backs estão condicionados a metas de recuperação em massa da usina de beneficiamento e a metas de produção acordadas entre a Vale e a Mitsui", informa.

Como resultado do atingimento dessas cláusulas, o valor final atribuído à participação de 15% na VM pode variar entre US\$ 330 e US\$ 480 milhões. Os valores da transação serão usados para financiar o investimento da expansão da mina de Moatize.

A Mitsui será responsável por financiar, de forma pro rata à sua participação de 15%, sua parcela no investimento requerido para completar a expansão da mina de Moatize, cujo valor é estimado em US\$ 188 milhões. Esse valor inclui os 15% do investimento associado ao material rodante da ferrovia, cuja responsabilidade de financiamento é da VM.

14-09/12/2014

Comissão Permanente de Crenologia realiza sua 33ª reunião em Brasília

No dia 05 de dezembro de 2014, a Comissão Permanente de Crenologia – CPC realizou a sua 33ª reunião ordinária. O evento ocorreu na sede do DNPM, em Brasília.

A ata da reunião anterior foi aprovada. Foi comunicada a publicação da Portaria do Ministro atualizando os membros da CPC. A ANVISA participou ativamente da reunião com três representantes.

Durante a reunião foi analisada a Minuta de Resolução sobre elementos dignos de nota para classificação de água mineral (Processo DNPM nº 48400-001.024/2012); bem como a Minuta de Resolução para classificação de água mineral em função do teor de Sódio (Processo DNPM nº 48400-001.002/2012); a normatização de parâmetro de qualidade da água para balneário. Também foi analisada a Minuta de Resolução sobre regras para permitir procedimentos para fins de separação de constituintes instáveis, como ferro, manganês, enxofre e arsênio em águas termais, águas minerais naturais e águas potáveis de mesa. Essa resolução estabelece que na outorga e fiscalização das concessões para aproveitamento de água mineral, termal, gasosa, potável de mesa, destinadas ao envase, ou como ingrediente para o preparo de bebidas em geral ou ainda destinada para fins balneários, em todo o território nacional, bem como para fins de harmonização com a legislação do Codex Alimentarius para Águas Minerais Naturais: Permitir procedimentos para a separação de constituintes instáveis, tais como, compostos contendo, ferro, manganês, enxofre e arsênio em águas termais, águas minerais naturais e águas potáveis de mesa, por decantação e/ou filtração, e se necessário acelerada por aeração prévia; Os procedimentos autorizados somente poderão ser realizados, nas condições nas quais o conteúdo de minerais da água não seja alterado com relação aqueles constituintes essenciais, que confere a água suas propriedades.

A reunião contou com a participação do Dr. Victor Bicca (Diretor-Geral Substituto e Presidente da CPC), Carlos Magno (DNPM); Christine Hortência (DNPM); Valéria Alves Rodrigues de Melo (DNPM); Maria Alice (CPRM); Gilberto Derze (convidado); Emanuel Queiroz (convidado); Carlos Lancia (Abinam); Marcos Untura (SBT); Fátima Braga (Anvisa); AntoniaAqueiro (Anvisa); Elisabete Dutra (Anvisa).

Fonte: **DNPM**

15-09/12/2014

Vale diz que doações feitas por sua controlada ao PT são legais

Por **Rafael Rosas** | Valor

RIO - A Vale divulgou comunicado informando que sua controlada Mineração Brasileiras Reunidas (MBR) “efetou doações de campanha estritamente na forma da legislação vigente”. Na nota, a Vale informa que a MBR teve um faturamento em 2013 de R\$ 742,4 milhões e que a lei permite que sejam doados até 2% para campanhas políticas, o equivalente a cerca de R\$ 14,8 milhões.

“Quando e se solicitado pelo TSE [Tribunal Superior Eleitoral] ou Receita Federal, os dados serão disponibilizados”, diz o comunicado divulgado pela Vale.

A MBR faz parte de um grupo de cinco empresas que tiveram o faturamento bruto pedido à Receita pelo ministro Gilmar Mendes, do Supremo Tribunal Federal (STF) e do Tribunal Superior Eleitoral (TSE). Além da MBR, fazem parte do grupo, a Gerdaul Aços Especiais, Saepar Serviços e Participações, Solar.BR Participações e Ponto Veículos.

Segundo Mendes, há “fortes indícios de descumprimento do limite para doação” por essas empresas. As doações teriam sido feitas para a campanha que reelegeu a presidente Dilma Rousseff.

De acordo com a lei 9.504, de 1997, as doações para campanhas eleitorais são limitadas a 2% do faturamento bruto da empresa no ano anterior à eleição. Se o dinheiro repassado ultrapassar esse limite, a companhia pode ser penalizada e ter que pagar multa de cinco a dez vezes o valor doado em excesso.

As contas da campanha petista serão julgadas na terça-feira pelo plenário do TSE. Essa “decisão deve ser proferida pela Corte até o dia 10 de dezembro, uma vez que a diplomação da candidata eleita está agendada para 18 de dezembro”, lembrou o relator em um dos despachos do processo.

A campanha de Dilma arrecadou aproximadamente R\$ 350 milhões.

16-09/12/2014

Siderúrgica China Steel tem alta de 1% na receita de novembro

Por **Renato Rostás | Valor**

SÃO PAULO - A China Steel, maior siderúrgica de Taiwan, revelou nesta terça-feira que sua receita líquida atingiu 28,83 trilhões de novos dólares de Taiwan, ou cerca de US\$ 925,7 milhões, em novembro. A cifra significa leve alta de 1% na comparação com o mesmo período do ano passado.

Em relação a outubro, por outro lado, a empresa observou queda de 6,1%. Com o desempenho, a companhia informou que o faturamento no acumulado de 11 meses deste ano chegou a 336,36 trilhões de dólares de Taiwan (US\$ 10,8 bilhões), crescimento de 6% sobre as mesmas bases.

No mês anterior, o grupo já havia observado queda nas vendas em comparação mensal. Em outubro, a baixa foi de 0,5%. Durante 2014, em cinco meses a companhia viu recuo em sua receita em comparação com o mês anterior.

A China Steel é a 25ª maior produtora de aço do mundo, de acordo com dados da WorldsteelAssociation. Apesar de seu tamanho ser menor do que as principais siderúrgicas chinesas, a fraca expansão operacional demonstra a menor atividade do setor, que também influi na diminuição da demanda pelo minério de ferro.

A taiwanesa é uma das parceiras da Companhia Siderúrgica Nacional (CSN) na mineradora Namisa. A empresa faz parte do consórcio asiático que também conta com Itochu, JFE Steel, Kobe Steel e NisshinStel, do Japão, e Posco, da Coreia do Sul.

17-09/12/2014

EMPRESA BUSCA FINANCIAMENTO PARA ‘MINERAÇÃO DE EFLUENTES’

A AppliedCleanTech (ACT) iniciou uma campanha para incrementar a sua próxima etapa de financiamento. A meta é conseguir algo entre US\$ 2 milhões e US\$ 5 milhões, por meio de financiamento coletivo, conhecido no mundo inteiro como crowdfunding. O investimento é necessário para o desenvolvimento do negócio de reciclagem a partir de efluentes industriais e domésticos na Europa.

Fundada em 2007, essa start-up israelense desenvolveu e estabeleceu uma tecnologia que muda a maneira de reciclar celulose a partir do efluente bruto, antes de qualquer tratamento, criando oportunidade para os Estados Unidos gerar mais de US\$ 2,1 bilhões.

"Nós não estamos apenas criando maneiras de gerenciar e lidar eficientemente com resíduos, mas também criando uma nova oportunidade de negócios para qualquer município do mundo", disse o CEO e fundador da AppliedCleanTech, Dr. Rafael Aharon, que chama essa nova forma de reciclagem de mineração de efluentes ou mineração de esgoto.

O tratamento de efluentes é um mercado global de bilhões de dólares. A AppliedCleanTech é a primeira empresa a transformar efluente sólido em um recurso de geração de receita, usando seu Sistema de Reciclagem de Esgoto (SRS, na sigla em inglês).

O CEO disse que vai aproveitar o financiamento coletivo, desta vez, porque acredita na força pública da indústria. "Usando nossa tecnologia SRS é uma maneira limpa e eficiente para criar um ciclo interminável de receitas, eficiência na gestão de resíduos para a reciclagem de nossos recursos de maneira que avance a sustentabilidade", diz ele.

O SRS é baseado principalmente na depuração biológica. O esgoto não tratado entra no estágio biológico, onde as bactérias purificam a água por biodigestão. Em grandes instalações de tratamento de efluentes, este segue uma fase de sedimentação. O processo, intensivo em energia, produz quantidades excessivas de lamas por dia, um subproduto negativo.

O SRS extrai biossólidos do efluente, antes mesmo de se tornar lodo. A formação de lodo inicial é reduzida em até 50%, antes de aplicar qualquer tratamento químico ou biológico. A tecnologia patenteada pela ACT transforma sólidos no efluente em Recyllose. Esta matéria-prima pode ser usada em plásticos, isolamento térmico, papel e celulose, construção e produção de biocombustíveis.

O SRS transformou o tratamento de efluentes em 'mineração de esgoto', introduzindo um modelo de gestão sustentável, eficiente e ambientalmente amigável para o efluente.

A AppliedCleanTech já implementou a tecnologia na Holanda, Canadá, Israel e México para criar e dirigir oportunidade de receita. A empresa continua estabelecendo relações com parceiros em todo o mundo para criar recursos e receitas dos efluentes, um recurso que é prevalente em todo o mundo.

Fonte: Notícias de Mineração Brasil

18-09/12/2014

Em produção, Minas-Rio fica com 4 mil trabalhadores

Por Camila Maia, Thais Carrança e Olivia Alonso | De São Paulo

Com a conclusão das obras do projeto Minas-Rio, a mineradora Anglo American vai reduzir o número de trabalhadores na operação em 12 mil, afirmou ontem James Wyatt, porta-voz da companhia. Segundo ele, a empresa contava com 16 mil pessoas durante a fase de construção e passará a empregar 4 mil com o fim da obra e o início da produção e dos embarques de minério de ferro.

A mudança já está acontecendo "há alguns meses" e deve continuar gradualmente nos próximos, afirmou Wyatt. Durante um evento com investidores, realizado em Londres, a Anglo American afirmou ontem que pretende reduzir o número de funcionários de 162 mil para 102 mil em todo o mundo até 2017.

Dos 60 mil empregos a menos na folha de pagamento da empresa, aproximadamente 45 mil se referem à venda de operações, segundo o porta-voz. É o caso de projetos de minas de platina na África do Sul. Dessa forma, apenas cerca de 3 mil dos 60 mil empregos serão alvo de demissão.

Em seu relatório anual de 2013, a empresa afirmou que empregava no Brasil 23,6 mil pessoas, entre funcionários e terceirizados.

No caso do Minas-Rio, Wyatt afirmou que a "única razão" da redução do número de funcionários é a conclusão da etapa de construção e o início da fase de produção. No entanto, a previsão da Anglo American era a de empregar 5 mil pessoas no projeto. Deste total, 1,5 mil seriam funcionários, 1,6 mil contratados e os demais como subcontratados, segundo informou a companhia em junho deste ano.

O primeiro embarque de minério de ferro do Minas-Rio aconteceu no fim de outubro, com um carregamento de 80 mil toneladas para o mercado chinês. A segunda remessa, também para clientes asiáticos, foi feita no fim de novembro, e a terceira está prevista ainda para este ano. No total, o Minas-Rio poderá produzir 26,5 milhões de toneladas de minério de ferro por ano.

A operação inclui a mina e a usina de beneficiamento de minério de ferro nos municípios de Conceição do Mato Dentro e Alvorada de Minas (MG) e foi comprada do empresário Eike Batista. Também engloba um mineroduto de 529 km de extensão e o terminal de minério de ferro do Porto de Açu, em São João da Barra (RJ).

O minério de ferro do Minas-Rio chega ao mercado em um momento adverso. O preço da commodity está atualmente em seu menor nível desde junho de 2009. Ontem, estava em US\$ 69,40 por tonelada no mercado à vista da China, considerando um teor de 62% de ferro.

O preço vem caindo desde o início do ano pressionado principalmente pelo aumento da oferta global. Preocupações com demanda chinesa por aço e com redução de liquidez bancária na China ajudaram a elevar o pessimismo do mercado com a commodity.

Assim como outros bancos fizeram nas últimas semanas, o J.P. Morgan reduziu projeções de preço para os próximos anos. Para 2015, cortou em 24%, a US\$ 67 por tonelada. Para 2016, em 23%, a US\$ 65 por tonelada e, para 2017, em 16%, a US\$ 69 por tonelada. Neste ano, o preço médio está em US\$ 100 por tonelada, 26% abaixo da média do ano passado, de US\$ 135 por tonelada.

19-10/12/2014

Sem margem de lucro Alderon vai começar as demissões

Kami da Alderon é o mais desenvolvido projeto de minério de ferro do Canadá. Tudo estava indo as mil maravilhas até que os preços caíram e o projeto, com um all-in sustaining cost acima de US\$70/t, deixou de ser lucrativo.

A Alderon está sendo financiada pelos chineses da Hebei que já pagaram adiantado pelo minério que, se persistirem as condições atuais, nunca será produzido. É o fim do sonho e a empresa começa a atrasar pagamentos e demitir funcionários.

Até o momento dois pagamentos, que deveriam ser feitos à Liberty Metals & Mining do Grupo de seguros da Liberty, não foram feitos. A Alderon ainda não informou quantos empregados serão demitidos, mas garante que o núcleo executivo permanecerá.

Fonte: www.geologo.com.br

20-10/12/2014

Você conhece a South32?

A South32 é uma empresa fruto da cisão da BHP Billiton em duas. Essa empresa terá no seu portfólio aqueles ativos considerados não prioritários pela BHP. Ela vai se chamar South32 porque a maioria de suas minas estão localizadas no hemisfério sul ao longo da latitude 32 na Austrália e na África do Sul.

Esta é a mais nova tendência do mercado e a BHP, assim como a Vale, estarão vendendo partes substanciais dessas novas empresas em IPOs nas bolsas de valores. Uma forma de melhorar o valuation, captar novos recursos, enxugar a empresa, evitar a contaminação de ativos bons e voltar a focar nos ativos de maior interesse.

A nova empresa vai congrega as minas de manganês, alumínio e níquel, juntamente com ativos de cobre e carvão de menor interesse.

Fonte: www.geologo.com.br

21-10/12/2014

China avalia corte de taxas para mineradoras locais em mercado pressionado

Reuters

XANGAI (Reuters) - A China está avaliando um corte de taxas para produtores de minério de ferro locais, uma vez que os preços da mercadoria caem com o produto estrangeiro, mais barato, chegando ao país, segundo a publicação estatal China SecuritiesJournal.

As grandes quantidades de minério importado ameaçam a sobrevivência de muitas empresas locais, indicou o jornal.

Os cortes de impostos potenciais para produtoras de minério de ferro na China, o maior consumidor da matéria-prima siderúrgica, resultariam em menores preços internos e provavelmente reduziriam a dependência da China das importações.

As taxas atuais para mineradoras chinesas estão pairando entre 20 e 30 por cento, e uma redução para menos de 10 por cento poderia melhorar significativamente a sua competitividade, disse o diretor de planejamento e pesquisa da indústria metalúrgica da China, Li Xinchuang, segundo o jornal.

As produtoras de minério de ferro da China têm, por anos, queixado-se de impostos pesados, que estão entre os mais altos do mundo.

Um executivo sênior da Sinosteel Mining disse no início deste ano que os impostos representam cerca de 25 por cento dos custos de produção, enquanto as taxas representam apenas 8 por cento do custo de produtores australianos.

As autoridades competentes, incluindo o Departamento de Estado e do Ministério da Indústria, estão avaliando mudar as taxas para um nível razoável que criaria um "ambiente justo" para as mineradoras locais e estrangeiras, afirmou o vice-diretor do departamento de recursos no Ministério da Indústria e Informação Tecnologia, LuoTiejun, também citado na publicação.

A China é o maior produtor mundial de minério de ferro, com uma produção anual de mais de 1 bilhão de toneladas. É também um dos produtores de minério de ferro mais caros do mundo, com algumas minas tendo um custo de até 120 dólares por tonelada, contra um custo de aproximadamente 20 dólares das principais mineradoras, como Rio Tinto e Vale.

As ações da mineradora Vale recuavam mais de 2 por cento nesta terça-feira, em meio à queda dos preços do minério de ferro.

Os contratos futuros da commodity caíram quase 4 por cento nesta terça-feira, para atingir o limite de baixa, em meio a preocupações sobre excesso de oferta.

(Reportagem da Redação de Xangai e Fyen Wong)

22-10/12/2014

Preço do minério pode ameaçar minas de baixo custo

ESTADÃO conteúdo

Os preços do minério de ferro atingiram, na quarta-feira, 19, seu valor mínimo desde junho de 2009. A cotação do insumo encerrou ontem US\$ 70 a tonelada, queda de 2,9% em relação ao dia anterior e desvalorização de 48% desde o início do ano. A base de referência é o minério com teor de concentração de 62%, negociado no porto de Tianjin (China). Se essa trajetória de queda se mantiver, as minas de baixo custo, que são aquelas vistas como blindadas aos valores mais baixos do insumo - caso das minas da Vale - poderão ter sua rentabilidade colocada em xeque.

A queda dos preços do minério reflete, além da desaceleração da economia mundial, o aumento da oferta global do insumo, puxado por investimentos feitos pelas três maiores companhias - Vale, BHP Billinton e Rio Tinto. Apenas a produção da Vale, por exemplo, de janeiro a setembro, cresceu 8,1% na comparação com igual período de 2013.

Apontada como uma das poucas mineradoras do mundo que conseguiria se manter lucrativa com o preço em US\$ 65 a tonelada, as ações da Vale têm sido penalizadas. As ações preferenciais acumulam perdas de quase 40% no ano e as ordinárias, de 35%.

Analistas de mercado já começaram a chamar a atenção em relação ao preço do minério e as consequências para algumas operações da Vale, assim como da Companhia Siderúrgica Nacional (CSN).

Entre as operações da Vale, os sistemas Centro-Oeste (Mato Grosso do Sul) e Sul-Sudeste (Minas Gerais) são vistos com mais cautela, já que entre as operações da companhia, essas têm custos mais altos. Um analista destaca que a operação Centro-

Oeste, que possui problemas de logística, é pouco representativa para a Vale, ao contrário do Sistema sul-sudeste.

Relatório do Citi calcula que o minério do sistema Sul-Sudeste tenha um ponto de equilíbrio ("break-even point", que é aquele em que as receitas se igualam às despesas) em US\$ 65 a tonelada, excluindo as pelotas (que é de melhor qualidade), de acordo com a instituição financeira. O mesmo valor é apontado pelo Citi como o "break-even" em Ebitda (lucro antes de juros, impostos, depreciação e amortização) da mina Casa de Pedra, da CSN. Já a Namisa, estaria operando no vermelho.

De acordo com o relatório do Citi, o ponto de equilíbrio para a produção de pelotas da Vale é de US\$ 44 e, em Carajás (Sistema Norte), de US\$ 50. Com o custo nesse patamar, implicaria em postergar plano de investimentos, venda de ativos e aumento da dívida líquida.

O BTG Pactual destacou, também em relatório, que um cenário de preço abaixo de US\$ 80 a tonelada em 2015 e em 2016 poderá colocar em risco a distribuição de dividendos mínimos da Vale, de US\$ 1,8 bilhão, mesmo assumindo venda de ativos, que somam US\$ 2 bilhões. "Essa avaliação se baseia na tese de que os dividendos da Vale não serão financiados por alavancagem", segundo o documento.

Dogma

A queda do preço do minério neste ano acabou rompendo com o dogma de que com o valor do insumo abaixo de US\$ 100 de forma prolongada provocaria o fechamento de capacidades de produção da matéria-prima de mais alto custo, em especial na China. Na prática, apenas uma capacidade foi suspensa desde maio, quando as cotações recuaram abaixo de US\$ 100.

Na esteira da queda do preço, aconteceu uma onda de revisão da recomendação para as ações da Vale. Além do Citi que reduziu de neutro para venda, o CreditSuisse rebaixou para "underperform", ou seja, um desempenho abaixo da média do mercado. O J.Safra reduziu para neutro, assim como o BTG Pactual.

Com esse cenário, a Vale tem defendido a importância de que seu projeto Serra Sul (S11D) siga no atual ritmo, já que quando começar a operar a mina terá garantido minério de mais baixo custo, o que será importante na fase de preços mais baixos. As informações são do jornal O Estado de S. Paulo.

23-10/12/2014

Vale vende fatia em ativos de carvão em Moçambique para Mitsui

Reuters

RIO DE JANEIRO/SÃO PAULO (Reuters) - A Vale fechou acordo com a japonesa Mitsui para vender uma participação na mina de carvão Moatize, em Moçambique, assim como uma fatia no projeto ferroviário para escoamento da produção, por estimados 763 milhões de dólares, como forma de reforçar seu balanço durante um período de baixos preços das commodities.

Sob o acordo anunciado nesta terça-feira, a Mitsui deterá 15 por cento da participação da Vale na Vale Moçambique (VM), com valor atribuído de cerca de 450 milhões de dólares, mas o número final depende de metas de produção para o projeto.

Os termos da transação podem fazer o montante final variar entre 330 milhões e 480 milhões de dólares, segundo a Vale. A VM é dona de 95 por cento da mina de Moatize.

O acordo chega em um momento em que a Vale, maior produtora mundial de minério de ferro, foi atingida por uma redução pela metade do preço da matéria-prima do aço neste ano, que a colocou sob pressão para levantar recursos para concluir projetos.

Em conferência com jornalistas nesta terça-feira, o diretor-executivo de Fertilizantes e Carvão da Vale, Roger Downey, afirmou que a Vale enxerga "tempos muito difíceis para produtores de carvão em todo mundo".

Apesar de evitar fazer projeções para os preços, o executivo desenhou um cenário complicado para os próximos anos.

"Nossa bola de cristal não está aqui agora, mas a gente ainda vê que os mercados vão continuar difíceis com muita pressão para baixo sobre os preços", afirmou Downey.

"Provavelmente, nos próximos anos, até o fim desta década, nós vemos ainda estoques altos na China e ainda uma força grande para incentivar a produção de carvão na China, que é um grande comprador e grande usuário de carvão, metalúrgico e térmico."

Segundo a Vale, a empresa japonesa será responsável por financiar, de forma proporcional à sua participação, parcela no investimento requerido para completar a expansão da mina, cujo valor é estimado em 188 milhões de dólares.

Neste mês, duas fontes haviam informado à Reuters que a mineradora venderia uma fatia de seu projeto de carvão para a Mitsui, após a Vale afirmar há cerca de um ano que pretendia vender de 15 a 25 por cento de seus ativos de carvão, espalhados entre Austrália e Moçambique.

A mina de Moatize produz carvão desde julho de 2011 e concentra os maiores investimentos da Vale no segmento.

Adicionalmente, a Vale informou que a Mitsui passará a deter 50 por cento da participação de 70 por cento da Vale no Corredor Logístico de Nacala (CLN), projeto que prevê conectar Moatize ao porto de Nacala. A linha terá 912 quilômetros no total.

De acordo com a Vale, a Mitsui contribuirá, inicialmente, com 313 milhões de dólares em instrumentos de equity e quasi-equity, passando a deter 50 por cento desses instrumentos e a compartilhar o controle do CLN com a Vale.

As ações preferenciais da Vale operavam em baixa de 2,44 por cento às 16h38, enquanto o Ibovespa caía 0,45 por cento.

PROJECT FINANCE

Até a conclusão da transação, a mineradora brasileira continuará a financiar o CLN com empréstimos ponte da própria Vale. O investimento total projetado é de 4 bilhões de dólares, dos quais 1,9 bilhão haviam sido executados até o fim do segundo trimestre.

A mineradora acrescentou ainda que negocia um "projectfinance" com a Mitsui, com meta de captar até 2,7 bilhões de dólares, de modo a financiar os investimentos de capital restantes e permitir o resgate de parte dos empréstimos contraídos pelo CLN junto à Vale.

Após a conclusão da transação, que envolverá aumento de capital e transferência parcial da dívida contraída por Moatize e pelo CLN junto à Vale, a companhia brasileira passará a deter indiretamente 81 por cento da mina de Moatize e aproximadamente 35 por cento do CLN, compartilhando o controle com a Mitsui.

"A venda parcial da mina e da logística do conturbado projeto Moatize parece ter um preço muito atraente para a Vale... particularmente no ambiente pobre do preço atual de carvão metalúrgico", disse Tony Robson, analista da corretora canadense BMO Capital Markets, em nota a clientes.

A conclusão do negócio com a Mitsui está prevista para 2015, informou a Vale, pontuando considerar o acordo essencial para a continuidade do investimento em Moçambique e Malawi.

A companhia estima que, com o acordo, poderá evitar uma saída de caixa de 3,65 bilhões de dólares.

A Vale disse que a primeira exportação de carvão pelo porto do projeto será no primeiro trimestre de 2015. O transporte ferroviário, já em operação e em expansão, deverá ter capacidade para 22 milhões de toneladas/ano, o que está previsto para até o fim de 2016.

A empresa não quis divulgar os custos de produção de Moatize, dizendo apenas que estava confiante de que poderia, eventualmente, estar entre os mais baixos custos do setor.

(Por Marta Nogueira, Stephen Eisenhammer e Priscila Jordão)

24-10/12/2014

Mineradora Glencore considera venda de projeto de níquel no Brasil

Empresa fez apresentação a investidores nesta quarta.

POR REUTERS

RIO - A empresa de mineração Glencore informou nesta quarta-feira que está considerando a venda de alguns projetos de níquel e cobalto em meio aos preços mais baixos, conforme a companhia foca em retornar dinheiro a acionistas.

As potenciais vendas incluem o projeto de níquel Araguaia no Brasil, segundo apresentação da empresa a investidores, assim como a mina de níquel Cosmos, no oeste da Austrália.

25-10/12/2014

Minério de ferro se aproxima de mínima de 5 anos; Citi vê mais "dor"

Reuters

CINGAPURA (Reuters) - O preço do minério de ferro negociado na China recuou mais um pouco nesta quarta-feira, aproximando-se do nível mais baixo em mais de cinco

anos, refletindo a pressão de um excesso de oferta e demanda por aço mais lenta, com o Citigroup prevendo mais fraqueza no início do próximo ano.

A produção de aço e minério de ferro da China está se recuperando depois de restrições antipoluição impostas antes da cúpula global em Pequim, no início do mês passado, disse o Citigroup.

"No entanto, mais dor é esperada em janeiro, fevereiro e além. A demanda por aço da China deverá mais uma vez se enfraquecer e o reabastecimento anual de aço deve ser menor do que o normal", disse o analista do Citigroup Ivan Szpakowski em nota a clientes.

O índice de referência do minério de ferro com 62 por cento de ferro para a entrega imediata no porto de Tianjin caiu mais meio dólar nesta quarta-feira, para 68,90 dólares por tonelada, segundo Steel Index.

O preço da commodity já recuou mais de 48 por cento este ano, atingindo 68 dólares em 26 de novembro, o menor patamar desde junho de 2009.

No mês passado, o Citigroup disse que esperava que o minério de ferro recuasse para menos de 60 dólares em 2015, devido ao crescimento da oferta e da fraqueza na demanda.

A demanda por aço da China deverá desacelerar no início do próximo ano, devido às condições de crédito apertadas e por exportações mais fracas de manufaturados, acrescentou o analista do Citi.

"Nós também não antecipamos um forte estímulo do governo, acreditando que as ações recentes foram medidas de estabilização moderadas."

(Por Manolo Serapio Jr)

26-10/12/2014

MP pede indisponibilidade dos bens da Zamin por poluição de igarapés

O Ministério Público (MP) do Amapá ajuizou Ação Cautelar Incidental contra a Zamin Amapá Mineração S/A, por poluição do igarapé William, e consequente impacto ambiental em outros três igarapés (Sentinela, Taboca, Jornal e Mário Cruz), localizados nos municípios de Serra do Navio e Pedra Branca do Amapari, distantes respectivos 203 e 183 quilômetros de Macapá. A ação pede a indisponibilidade dos bens da empresa e recolhimento do passaporte e indisponibilidade dos bens pessoais do principal acionista

da mineradora, determinando o bloqueio até R\$ 200 milhões. Os representantes da Zamin não foram localizados para falar sobre o assunto.

Segundo o MP, laudos de órgãos ambientais confirmam a poluição dos igarapés. “Além do mais, os ribeirinhos, em virtude da lama acumulada nas margens dos igarapés, abandonaram seus imóveis”, diz a ação.

“Na ação principal os laudos ambientais concluíram que houve danos ambientais, especialmente pela empresa demandada que contribuiu com cerca de 60% dos danos causados, embora esteja exercitando o direito ao contraditório”, reforçou o promotor de Justiça WueberPenafort.

O MP informou que dentre os pedidos constantes na ação, estão a recuperação dos igarapés, o pagamento de multa no valor de R\$ 15 milhões a ser recolhida ao Fundo Estadual do Meio Ambiente (Ferma), pagamento de danos materiais e morais aos ribeirinhos, custeio de auditoria ambiental e adoção de medidas de controle ambientais.

Em março de 2014, a mineradora anunciou que interromperia por 90 dias as atividades na Mina 66, em Pedra Branca do Amapari. Nesse período, disse a mineradora, os cerca de 2 mil funcionários receberiam férias coletivas. A medida, segundo a Zamin, tinha a ver com “o término da capacidade de estocagem de minério de ferro, tanto em Pedra Branca quando em Santana, e o atraso nas obras de reconstrução do terminal de embarque de minério em Santana”. A estrutura a que se referiu a empresa desabou em 28 de março de 2013, arrastando caminhões, guindastes e o minério estocado para o rio. Quatro pessoas morreram e duas continuam desaparecidas.

Na ação cautelar incidental, o Ministério Público lembrou a situação da empresa. “Após o acidente no porto, a empresa anunciou que daria férias coletivas aos trabalhadores por 90 dias e negociaria com seus empreiteiros um confortável adimplemento do passivo. Também jurou colaborar com as autoridades locais para amenizar os impactos econômicos e sociais na região. Nada disto aconteceu”, disse o promotor de Justiça Jander Vilhena Nascimento.

“Ressoa proposital o silêncio e a conduta omissiva da empresa que já usou e abusou dos recursos naturais destes municípios, que possui vários outros empreendimentos no mundo e em outros locais do Brasil, podendo cobrir o passivo ambiental e social com lucros e dividendos de outras regiões, opta pela inadimplência. Total arrepio à função social da propriedade. Lucro pelo lucro. O ferro para o capitalismo e a miséria para a população. Geração futura às escuras”, falou WueberPenafort.

Fonte: G1

27-10/12/2014

ABEMI ABRE ESCRITÓRIO EM MINAS GERAIS

A Associação Brasileira de Engenharia Industrial (Abemi) expandiu sua estrutura com a abertura de um novo escritório em Belo Horizonte (MG) no dia 28 de novembro. O

propósito é ampliar a atuação da associação e a escolha por Minas Gerais deve-se à importância do Estado nas indústrias de mineração e siderurgia.

Para Antônio Müller, presidente da Abemi, esta iniciativa permitirá a expansão das atividades da associação em outros segmentos de mercado de relevância no cenário de infraestrutura brasileiro. “O foco está no desenvolvimento de práticas que promovam o aumento da produtividade para que a engenharia industrial apresente um crescimento sustentado e competitivo”, ressalta Müller.

Na abertura do seu segundo escritório, a Abemi contou com o apoio de empresas associadas e de um grupo de construtoras e montadoras que formam a Comissão de Obras Industriais no Sinduscon-MG e de representante da Federação das Indústrias do Estado de Minas Gerais (Fiemg). O diretor regional que vai liderar as ações no escritório é Leonardo Guimarães Mendes, da Milplan.

Além do novo escritório em Belo Horizonte, a associação tem sede em São Paulo e um escritório no Rio de Janeiro.

Em nota enviada ao NMB, a assessoria da Abemi disse que o propósito é “estabelecer uma interlocução ativa frente às necessidades dos associados e do setor. Ainda, de acordo com a empresa, se a indústria tiver um ambiente favorável para novos investimentos e para ampliar sua capacidade instalada, com certeza haverá condições para promover maior competitividade e favorecer toda a cadeia produtiva”.

A entidade foi fundada em 1964 por um grupo de empresários com o objetivo de atender os desafios do país e estimular o debate sobre questões que contribuíssem para desenvolver a infraestrutura nacional, gerar empregos, ampliar seus investimentos e promover a sustentabilidade do setor. A Abemi reúne empresas dos segmentos de Petróleo e Gás, Siderurgia e Mineração, Energia, Papel e Celulose e Infraestrutura.

A associação atua no detalhamento de projetos industriais e de infraestrutura com foco na simplificação e intensificação das políticas de conteúdo local; reforço de programas de qualificação de mão de obra e aumento de produtividade; fomento do desenvolvimento e atração de tecnologia; oferta de financiamento e garantias competitivas internacionalmente; aumento dos custos com os movimentos sindicais; e simplificação das leis do trabalho.

A Abemi possui cerca de 100 associados nas áreas de engenharia de projeto, construção civil, montagens industriais, fabricantes de equipamentos, manutenção e serviços, que participam dos principais projetos de infraestrutura e contribuem ativamente para o desenvolvimento econômico e social do país.

Fonte: Notícias de Mineração Brasil

28-10/12/2014

CRUSADER ESTENDE FINANCIAMENTO PARA PROJETOS DE OURO NO BRASIL

A Crusader Resources estendeu em cerca de US\$ 4,15 milhões o financiamento de US\$ 16,6 milhões firmado com o Macquarie Bank. O prazo do empréstimo foi prorrogado para dezembro de 2016, o que deixa a empresa “bem financiada” para prosseguir com a exploração de seus ativos de ouro e minério de ferro, incluindo os projetos de ouro Juruena, no Mato Grosso, e Borborema, no Rio Grande do Norte.

Sob os termos do acordo de extensão, divulgados em comunicado enviado ao mercado pela Crusader ontem (8), a mineradora australiana concederá 8.741.258 opções de compra de ação (warrants) para o Macquarie, pelo preço aproximado de 0,28 centavos de dólar australiano por ação.

Segundo a Crusader, o empréstimo com o Macquarie, firmado em março do ano passado, combinado com o fluxo de caixa positivo obtido por meio da mina de ouro Posse, em Caeté (MG), permitirá que a Crusader avance na exploração de seus ativos de ouro, incluindo o recém-adquirido projeto de ouro Juruena e o já avançado projeto de ouro Borborema.

Na última quinta-feira (4), a Crusader informou que assinou um Memorando de Entendimento (MoU) com a pedreira Valemix para o processamento de minérios de ferro finos produzidos na mina Posse. Sob os termos do acordo, a mineradora terá exclusividade na utilização da planta de processamento a úmido da Valemix, que fica a cerca de 72 quilômetros de Posse.

Um relatório externo da Crusader, divulgado pelo analista Andrew Muir, do PCF Securities, considera o fluxo de caixa gerado pela mina Posse “pequeno, mas sólido”. Segundo o documento, há um bom potencial de desenvolvimento em Juruena, devido aos teores elevados de ouro encontrados próximos ao solo.

No caso de Borborema, segundo Muir, é pouco provável que o projeto seja desenvolvido no atual cenário de preços do ouro. A avaliação do analista considera as informações do estudo de viabilidade do projeto, que apontou capex de US\$ 169 milhões para recursos que apresentam teores de ouro de aproximadamente 1,1 grama por tonelada.

Até setembro deste ano, seis dos oito furos programados para a campanha de sondagem de Borborema foram concluídos. Os seis furos representam 712 metros dos cerca de 1.200 previstos na campanha.

A receita com vendas de minério de ferro da Crusader Resources na mina Posse totalizou US\$ 3,8 milhões no terceiro trimestre deste ano, com lucro bruto de US\$ 1 milhão, considerando resultados não auditados. No trimestre, o faturamento total da mineradora foi de US\$ 5,4 milhões.

Fonte: Notícias de Mineração Brasil

29-10/12/2014

MPLANTAÇÃO DE PROJETO DA LIPARI COMEÇA EM JANEIRO

O Projeto Braúna terá sua implantação iniciada em janeiro de 2015, segundo a Lipari Mineração. A partir do primeiro mês do próximo ano, a primeira mina de diamantes da América Latina desenvolvida em rocha kimberlítica começará a ser construída na Bahia.

Ainda nesta semana, a Lipari fechará com as empresas de construção e de gerenciamento de engenharia, aquisição e construção (EPCM). Antes do final do ano, a mineradora também mobilizará os equipamentos e as máquinas para o local onde serão executadas as obras.

Com os próximos meses voltados para a terraplenagem e as consecutivas fases de implantação da unidade industrial, a Lipari divulgou sua expectativa de cronograma. A produção industrial de diamantes deve ser iniciada no final de 2015, depois das fases de comissionamento e de ramp-up.

Fonte: In The Mine

30-10/12/2014

IBRAM COMEMORA 38 ANOS DE ATUAÇÃO EM DEFESA DO SETOR MINERAL

O Instituto Brasileiro de Mineração - **IBRAM** (www.ibram.org.br) celebra hoje (10/12) o seu trigésimo oitavo ano de contribuição para o desenvolvimento da indústria mineral brasileira. O Instituto opera articulando, acompanhando e promovendo os interesses legítimos do setor.

Diante de imensos desafios, o **IBRAM** consolidou sua imagem institucional e política perante os Poderes Executivo e Legislativo, nas esferas Federal, Estadual e Municipal. Também se consagrou como fonte de informação ante outras entidades associativas, a mídia e, sobretudo, firmou-se como uma referência para os seus mais de duzentos associados.

“Empenhado em cooperar para a superação de gargalos históricos na infraestrutura e logística brasileiras, ao completar mais um ano de atuação, o **IBRAM** renova o compromisso de se manter cada vez mais participativo, fomentando os mais diversos temas de discussão envolvendo governos, mineradoras, a Academia e a sociedade em geral”, diz o Diretor Presidente, José Fernando Coura.

O Instituto se debruça sobre temas de vanguarda extremamente relevantes para a atividade de mineração no Brasil. O **IBRAM** aprofunda questões como desenvolvimento sustentável, melhores práticas de saúde e segurança dos trabalhadores, além de estimular a pesquisa e a inovação tecnológica.

A Indústria Mineral Brasileira tem oferecido respostas adequadas a fatores importantes para a sociedade brasileira, como as profundas mudanças socioeconômicas e de infraestrutura que o País tem vivenciado.

Neste sentido, há muito a trilhar, novos desafios a superar, mas é inegável que a representatividade conquistada e os novos espaços que o **IBRAM** vem ocupando são fundamentais nesta jornada. Fundado em 1976, agora com 38 anos de atuação, o Instituto Brasileiro de Mineração se mantém comprometido com seus objetivos pelas próximas décadas.

Fonte: IBRAM – Profissionais do Texto

31-10/12/2014

ANGLO AMERICAN

Investimentos em capex serão menores

A Anglo American anunciou que deverá reduzir seus investimentos em capex para os próximos três anos, saindo de um nível de 6.0 a 6.2 bilhões de dólares (previsão para 2014) para 5.2-5.5 bilhões de dólares em 2015, 3.9 bilhões em 2016 e 3.3 bilhões em 2017. A previsão anterior para 2014 era de um investimento entre 6.5 e 7.0 bilhões de dólares e a de 2015 variava entre 6.0 e 6.5 bilhões de dólares. A informação foi dada pelo CEO da empresa, Mark Cutifani, em apresentação para investidores no dia 9 de dezembro. A companhia também anunciou que vai reduzir cerca de 60 mil postos de trabalho, ao longo dos próximos anos, entre empregados próprios e contratados. A maior parte das dispensas vai ocorrer na área de platina (África do Sul) e no minério de ferro, mais especificamente no projeto Minas-Rio. Neste caso, as dispensas serão de mão de obra das empresas contratadas que atuaram na implantação do projeto, que se encontra em fase de rampup. Com o fim das obras, era previsível a redução do contingente de pessoas engajadas no empreendimento. Cutifani anunciou que o projeto Minas-Rio será finalizado com um investimento total de US\$ 8.4 bilhões, ou seja, US\$ 400 milhões a menos do que constava na última previsão. Ele também comemorou que 71% dos ativos da empresa estejam performando acima do inicialmente planejado. Na apresentação, o CEO da Anglo American também colocou como meta, para 2017, um aumento de produtividade da ordem de 80%, com 35% a menos de pessoal, através de crescimento e reestruturação do portfólio.

Fonte: Brasil Mineral OnLine - 682

32-10/12/2014

PEDREIRAS

Mais antiga entidade do setor faz 40 anos

No início de dezembro, foi celebrado o aniversário do Sindipedras (Sindicato da Indústria de Mineração de Pedra Britada do Estado de São Paulo), que completou 40 anos. Mais antigo sindicato de produtores de agregados para construção do País, o Sindipedras deu grande contribuição ao debate técnico, tributário, social e ambiental em prol do setor, segundo seu presidente, Tasso de Toledo Pinheiro, em cerimônia nas dependências da Fiesp, em São Paulo. Já o vice-presidente Antero Saraiva Júnior afirmou que o sindicato atuou com êxito na redução de impostos, implementação de novas técnicas, na defesa do setor. Ele reiterou que a mineração de agregados tem feito grandes esforços na busca da sustentabilidade e atua no sentido de coibir o uso criminoso de explosivos e de promover a evolução tecnológica para melhorar a qualidade dos produtos. "Mineração de agregados é atividade meio e não fim, devolvendo as áreas mineradas à sociedade para uso futuro", enfatizou o dirigente. Já o presidente do Ibram, Fernando Coura, disse que a atuação do setor de agregados tem sido decisiva para que o País possa continuar crescendo, já que provê os materiais necessários para a construção de moradias, ferrovias, aeroportos e saneamento básico. Além de cerca de duas centenas de empresários e dirigente de entidades do setor, a cerimônia na Fiesp contou com a presença do presidente da Fiesp, Paulo Skaf, e de vários parlamentares estaduais e federais.

Fonte: Brasil Mineral OnLine - 682

33-11/12/2014

LOGÍSTICA

Vale e porto chinês assinam acordo de cooperação

O Terminal Marítimo Ponta da Madeira, no Maranhão, e o Porto de Qingdao, na China, assinaram um acordo que abre caminho para o aumento da movimentação de minério de ferro entre o terminal brasileiro e o porto chinês. Pelo acordo, o Terminal maranhense e o Porto chinês vão intensificar a troca de informações, melhores práticas e estudos de interesse comum e benefício mútuo em relação a comércio e promoção de rotas marítimas entre os dois países. Isto significa melhoria nos serviços de transporte e logística para o aumento nos volumes de minério de ferro; cooperação para desenvolvimento, planejamento e gestão portuária; otimização de processos e melhoria da produtividade; uso e promoção de produtos de baixo carbono e realizações científicas e tecnológicas. Também estão inseridos projetos de baixo carbono e iniciativas verdes com o objetivo de melhorar os processos de logística, bem como o intercâmbio de iniciativas para a economia de energia e redução de emissões. O terminal de Ponta da Madeira é usado principalmente para exportar minério de ferro, manganês, concentrado de cobre e ferro gusa produzidos pela Vale, além de ferro gusa e soja de terceiros. Em 2013, Ponta da Madeira foi responsável pelo embarque de 112 milhões de t, dos quais 105,6 milhões de t de minério de ferro.

Fonte: Brasil Mineral OnLine - 682

34-11/12/2014

MINAS-RIO

Anglo realiza segundo embarque de 80 mil t

A Anglo American realizou, dia 07 de dezembro, o segundo embarque de minério de ferro do Sistema Minas-Rio. O navio Panamax NBA Monet deixou o terminal de minério de ferro do Porto do Açú com aproximadamente 80 mil t de minério de ferro pellet feed rumo à China. “O segundo embarque ocorreu dentro do prazo previsto e é mais uma importante entrega para o ramp-up do Sistema Minas-Rio. Nosso foco daqui em diante é concluir o ramp-up de forma segura e responsável, até alcançarmos, nos próximos 18 meses, a capacidade de produção anual de 26,5 milhões de t de minério de ferro”, ressalta Rodrigo Vilela, Diretor de Operação do Sistema Minas-Rio. O primeiro embarque foi realizado no último dia 25 de outubro de 2014 com o navio Panamax Key Light e carga de aproximadamente 80 mil t. O destino final também foi a China e a previsão é que a embarcação chegue ao país asiático até 17 de dezembro. A produção do empreendimento para 2015 será de 11 a 14 milhões de t de minério de ferro. Atualmente existem cerca de 150 mil t estocadas no Porto do Açú. O pellet feed possui 68% de ferro após beneficiado e baixos teores de contaminantes como sílica e fósforo. Já o volume de recursos atualmente é de 5,8 bilhões de t, quantidade quatro vezes maior desde a aquisição do empreendimento, em 2008. O montante relativo às reservas minerais é de 1,45 bilhão de t (certificadas).

Fonte: Brasil Mineral OnLine - 682

35-11/12/2014

DNPM

Portaria institui GRU para conversões à CFEM

O Diretor-Geral do Departamento Nacional de Produção Mineral (DNPM), Sérgio Augusto Dâmaso de Sousa, publicou Portaria que instituiu a Guia de Recolhimento da União (GRU) específica para a consecução de conversões em renda relacionadas à receita denominada Compensação Financeira pela Exploração de Recursos Minerais (CFEM). O DNPM disponibilizará, em seu site www.dnpm.gov.br o sistema para a emissão da Guia de Recolhimento da União (GRU) apropriada à conversão de depósitos judiciais com as devidas instruções para seu preenchimento. A GRU tem campos obrigatórios a serem preenchidos e as informações prestadas serão utilizadas, após apropriada conferência de valores e da procedência dos dados, para a distribuição do montante convertido ao Município e Estado ou Distrito Federal apontados como beneficiários. A receita de Encargos Legais não deve ser incluída no boleto de conversão em renda da CFEM, uma vez que tem natureza orçamentária distinta e não está sob a gestão do DNPM. O prazo para pagamento do boleto gerado será contra apresentação e, caso haja mudança no valor a ser convertido, deve-se gerar outro boleto com o valor atualizado - desconsiderando, assim, aquele inicialmente emitido - ou um que contenha apenas a diferença. Os códigos de recolhimento referentes à CFEM no Sistema de Administração Financeira (SIAFI) da Secretaria do Tesouro Nacional (STN)

deverão ser reparametrizados para impedir a emissão de boletos em seu site. Apenas sistemas do DNPM deverão gerar guias de recolhimento para a CFEM.

Fonte: Brasil Mineral OnLine - 682

36-11/12/2014

COBRE

Anglo American desiste de projeto peruano

A Anglo American anunciou que sua subsidiária integral, a Anglo American Michiquillay AS, notificou o Governo do Peru para suspender o acordo de privatização, que resultaria na retirada de cobre na fase de exploração do projeto Michiquillay. Pelos termos do acordo de 2007, a Anglo American Michiquillay SA iniciou os processos judiciais adequados para devolver o projeto para a Activos Mineros S.A.C., disse a empresa em comunicado. No momento econômico atual, a Anglo prioriza seu portfólio em projetos que garantam maior retorno, e o projeto peruano não está inserido no contexto. A Anglo American continua a progredir seu projeto de cobre Quellaveco, no sul do Peru, e tem como alvo a apresentação desse projeto para o seu conselho em 2015, de acordo com o comunicado.

Fonte: Brasil Mineral OnLine - 682

37-11/12/2014

NEGÓCIOS

BMIX avalia proposta sobre areia de Duas Barras

A Brazil MineralsInc (BMIX) anunciou ter recebido proposta para a venda de areia de sua mina de Duas Barras. A areia é um subproduto do processamento de diamantes e ouro. O material é procurado pela construção, indústria para a preparação de cimento e outros usos. A BMIX vê este contrato de venda inicial, de US\$ 200 mil, como uma indicação do potencial de capitalizar sobre um recurso escasso que ela tem em abundância. Recentemente, a areia da BMIX foi testada, in natura, no laboratório de análises SGS-Geosol. Os resultados demonstraram níveis de sílica de 97%, indicando elevada qualidade para os critérios exigidos para uma gama de aplicações. Agora, a empresa estuda análise volumétrica da quantidade total de areia que tem.

Fonte: Brasil Mineral OnLine - 682

38-11/12/2014

TRATAMENTO DE MINÉRIOS

Resumos do ENTMME têm prazo até dia 15

A 26ª edição do Encontro Nacional de Tratamento de Minérios e Metalurgia Extrativa (ENTMME) será realizada entre 18 a 22 de outubro de 2015, no Palace Casino, em Poços de Caldas, Minas Gerais. O ENTMME é direcionado a pesquisadores, profissionais, gestores, professores e estudantes das instituições de ensino e pesquisa dos setores mineral, metalúrgico, ambiental e de recursos hídricos. O evento também se dirige a empresas de serviços, consultoria e demais profissionais das áreas de mineração, metalurgia e meio ambiente. O encontro é composto por um grande fórum de debates e tem como objetivo, a cada edição, aprimorar e qualificar suas atividades, buscando proporcionar maior divulgação da atividade mineral e metalúrgica. Maiores informações sobre o evento podem ser obtidas pelo site www.entmme.org ou pelo e-mail entmme2015@unifal-mg.edu.br. O prazo para entrega dos trabalhos vai até 15 de dezembro de 2014. Os resumos aceitos serão anunciados em 01 de fevereiro do próximo ano. Os artigos completos serão aceitos até 01 de março de 2015. Os resumos deverão ser submetidos para: entmme2015@unifal-mg.edu.br.

Fonte: Brasil Mineral OnLine - 682

39-11/12/2014

SEGURANÇA

Indústria química e de mineração são alvos na AL

Segundo o Relatório Regional de Ameaças Avançadas na América Latina da FireEye, Inc., empresa especializada em deter ciberataques avançados, que detalha as atividades maliciosas capturadas pela FireEyeDynamicThreatIntelligence™ (DTI) cloud no primeiro semestre de 2014, os setores de produtos químicos, manufatura e mineração foram os mais atacados, com 34% do total das ameaças. Como comparação, enquanto o número de alertas de APT mundial para Química/Manufatura/Mineração não chegou a dez mil, na América Latina atingiu quase 35 mil. O comportamento desproporcional pode ser explicado pela grande importância dos setores na região. Em 2012, as minas da América Latina foram responsáveis por 22%, 20% e 46% das saídas totais de minério de ferro, ouro e cobre do mundo, respectivamente. “A América Latina é um alvo importante para hackers que tentam obter informações sobre tecnologias proprietárias, processos e valores que possam oferecer vantagens em transações comerciais”, diz Robert Freeman, Diretor sênior da América Latina para a FireEye. “O interesse em alvos do setor de indústrias Químicas, Manufatura e Mineração é único na América Latina, comparando com o setor de alta tecnologia que é o mais atacado entre nossos clientes do mundo todo”. O relatório foi baseado em dados reunidos em todo mundo a partir de mais de 2,7 milhões de sessões únicas de Comando e Controle (CnC). O Relatório de Ameaças Avançadas fornece informações sobre os países da América Latina monitorados pela FireEye, incluindo Argentina, Brasil, Chile, Colômbia, Equador, Guatemala, México, Peru e Porto Rico.

40-11/12/2014

Conjuntura adversa atrapalha tratativas

Por **Francisco Góes | Do Rio**

Depois de a Vale ter anunciado esta semana parceria com a japonesa Mitsui na área de carvão em Moçambique, as expectativas do mercado voltam-se agora para um possível acordo, em 2015, no segmento de fertilizantes. A mineradora brasileira tem ativos de potássio e de rocha fosfática no Brasil, Peru e Canadá que podem atrair o interesse de investidores. Exatamente há um ano a Vale confirmou que queria abrir participação para sócios nesse segmento. A transação poderia ocorrer tanto na holding que controla o negócio, a antiga Vale Fertilizantes, ou em projetos específicos como o da mina de potássio de Kronau, no Canadá.

Em recente apresentação para investidores em Nova York, o diretor-executivo de fertilizantes e carvão da Vale, Roger Downey, disse que Kronau é um dos ativos que podem ser alvo de parceria. A Vale admite ser co-controladora ou até ter participação minoritária no projeto. Mediante acordo com um sócio, a mineradora pode atrair financiamento na modalidade "projectfinance" e tirar dívidas do projeto do balanço da companhia, algo semelhante ao que anunciou com a Mitsui no carvão. No projeto de rocha fosfática de Bayóvar, no Peru, a Vale atua em sociedade com Mitsui e Mosaic. Esse tipo de parceria é o modelo pensado pela Vale para crescer nos fertilizantes.

As discussões se tornaram mais difíceis, porém, com o momento vivido pela mineração, que enfrenta reduções de receita por força da forte queda nos preços do minério de ferro e também do carvão. Mesmo assim, a Vale continua a indicar que está trabalhando "intensamente" para chegar a um acordo com parceiros estratégicos nos fertilizantes, como disse esta semana o presidente da companhia, Murilo Ferreira. A demora em definir o futuro da Vale nos fertilizantes pode ser explicada, em parte, porque nos últimos 12 meses a diretoria de fertilizantes e carvão, sob o comando de Downey, concentrou esforços em fechar o acordo no carvão, finalmente selado. A Vale afirmou mais de uma vez que as negociações nos fertilizantes estavam um passo atrás, em termos de cronograma, em relação ao carvão.

Aos investidores, Downey reconheceu que a contribuição dos fertilizantes para os negócios totais da Vale ainda é pequena, mas disse ver potencial de crescimento. Dados do balanço da companhia, no terceiro trimestre deste ano, mostram que os fertilizantes registraram receita bruta de R\$ 1,7 bilhão, 8,1% da receita global da Vale no período, de R\$ 21 bilhões. O minério de ferro respondeu por 64,1% da receita, os metais básicos por 23,1% e o carvão por 2,2%. Downey acrescentou que a Vale vem fazendo o "dever de casa" nos fertilizantes frente a um cenário desafiador para a mineração, mas reconheceu que há longo caminho pela frente.

A Vale tem vendido ativos não prioritários nos fertilizantes como a planta de nitrogênio de Araucária e a Fosbrasil. O Conselho Administrativo de Defesa Econômica (Cade) aprovou, por unanimidade, a venda, pela Vale Fertilizantes S.A., de 44,25% do capital da Fosbrasil para a Bromisa Industrial e Comercial Ltda., pertencente ao grupo Israel Corporation, dono da Israel Chemicals Ltd (ICL). Mas a operação foi condicionada ao cumprimento de acordo em controle de concentração (ACC), segundo informado ontem.

Outra decisão da Vale foi suspender o projeto de potássio de Rio Colorado, na Argentina, o que a levou a fazer uma baixa contábil de R\$ 5,4 bilhões no balanço do quarto trimestre de 2013. No Brasil, o projeto de potássio de Carnalita, em Sergipe, encontra-se em estágio de avanço na engenharia detalhada, segundo a Vale.

Na área comercial e operacional, a Vale reduziu de 11 para seis o número de produtos fosfatados, mantendo participação de mercado, disse Downey aos investidores. Ele mostrou que em 2013 e 2014 a empresa deve economizar US\$ 252 milhões na área de fertilizantes em termos de melhoria do lucro, antes de juros, impostos, depreciação e amortização (Ebitda).

41-11/12/2014

ALL e Triunfo abandonam projeto da Vetriaoo

Por **Fábio Pupo e Ivo Ribeiro** | De São Paulo

A América Latina Logística (ALL) e a Triunfo Participações e Investimentos (TPI) decidiram encerrar a parceria feita há três anos, quando criaram a Vetria Mineração. Com isso, chega ao fim o megaprojeto integrado de mina, ferrovia e porto que exigiria R\$ 11,5 bilhões em investimentos e chegaria a uma produção de 27,5 milhões de toneladas por ano de minério de ferro.

A Vetria teria de fazer, além dos aportes na mina - em Corumbá (MS), onde está a jazida de ferro - pesados investimentos na ferrovia da ALL até Santos (SP). Ali, o produto seria embarcado em um terminal portuário, que teria de ser erguido em área considerada difícil para esse tipo de operação pesada. Para complicar, as sócias da Vetria dependeriam de capital de investidores financeiros e estratégicos para sustentar o projeto e garantir demanda futura no mercado. A empresa aguardava um bom momento para ir ao mercado buscar investidores.

Em comunicado divulgado na tarde de ontem, ALL e Triunfo citam como justificativa para o rompimento o fato de "determinadas condições previstas no contrato de associação" não terem sido atendidas dentro do prazo estipulado. As empresas também citam "condições de mercado e perspectivas atuais, especialmente no que diz respeito aos níveis de preço praticados para o minério de ferro".

Empreendimentos como o da Vetria foram concebidos quando a matéria-prima tinha preços entre US\$ 150 e US\$ 200 a tonelada. Esse tempo foi embora e não há previsão de voltar tão cedo. Atualmente, a commodity é negociada em torno de US\$ 70 a tonelada.

O comunicado diz ainda que ALL e Triunfo decidiram encerrar o contrato "comprometendo-se a avaliar, definir e adotar conjuntamente os atos e as medidas que vierem a ser necessários em virtude da referida resolução, nos termos do Contrato de Associação".

A ALL informou ainda que os contratos de arrendamento de direitos minerários firmado entre a Vetria (por meio da subsidiária Vetorial Mineração) e a MMX Corumbá Mineração e de opção de compra de ações firmado entre a Vetria e a MMX Mineração e Metálicos foram integralmente cedidos para a Vetorial Siderurgia, "conforme autorizado por ambos contratos".

A Vetria foi anunciada em dezembro de 2011 e tinha como sócios a ALL, controladora, a Triunfo e a Vetorial. Para experts do setor, o empreendimento, devido às suas condições e aos pesados investimentos demandados, já estava condenado desde o nascedouro.

Outros projetos de minério de ferro no Brasil, dependentes de logística de transporte e portuária, conforme especialistas, estão condenados ao mesmo destino da Vetria. Ou a ficarem congelados até haja um novo ciclo de exuberância - o que vai depender de como se comportará a economia do maior consumidor do produto no mundo - a China.

42-11/12/2014

Yamana enxuga presença no país

Por **Olivia Alonso | De São Paulo**

Ao completar 11 anos no Brasil, durante os quais levantou seis projetos de ouro e cobre, a mineradora canadense Yamana Gold faz agora um profundo enxugamento de suas operações no país. A empresa está separando suas operações brasileiras em dois grupos em uma estratégia para colocar os ativos menos rentáveis à venda. Os dois maiores e com menores custos de produção - Chapada (GO) e Jacobina (BA) - serão mantidos.

A manutenção dessas duas operações, porém, não justifica mais toda atenção ao país, o que tem ficado claro nos últimos meses, segundo fontes próximas à companhia. O Brasil deixou de ser o país mais importante para a empresa na América Latina, perdendo lugar para o Chile, que passará a centralizar as principais decisões relativas à

região. Nos últimos meses, a empresa já vem reduzindo seu quadro de funcionários nas operações brasileiras.

O principal executivo da companhia no Brasil, Ludovico Costa, vai se aposentar no meio do ano que vem. Segundo principal executivo da companhia no mundo, abaixo apenas do presidente executivo, Peter Marrone, Costa estava na empresa desde 2006. O comunicado de sua saída foi feito em outubro, três meses depois de o vice-presidente no Brasil, Arão Portugal, ter deixado a companhia.

Até o meio do próximo ano, Costa deverá dedicar a maior parte de seu tempo às melhorias operacionais no projeto Chapada, em Alto Horizonte (GO). Com o menor custo de produção da empresa no mundo, a operação é uma das maiores da Yamana em volume de extração.

Como desdobramento de sua estratégia de revisão de ativos e de redução da presença no Brasil, a Yamana separou suas operações em dois grupos: um de ativos principais e um de secundários. No segundo, estão as operações brasileiras de Fazenda Brasileiro, Pilar e C1 Santa Luz, que passam a compor uma nova empresa, chamada Brio Gold, juntamente com algumas concessões de exploração mineral.

A Brio terá capacidade de produção de mais de 130 mil onças de ouro por ano, com potencial para ampliação no futuro, diz a Yamana. A princípio, será uma subsidiária, comandada pelo executivo Gil Clausen. Mas a percepção do mercado é a de que o movimento é apenas uma preparação para a venda dos ativos. No terceiro trimestre deste ano, a empresa deu um passo neste sentido ao fazer uma baixa contábil de US\$ 668,3 milhões no Brasil, relacionada com os projetos Pilar, C1 Santa Cruz e Ernesto Pau-a-Pique. Com o projeto C1 Santa Luz, que foi colocado em uma situação de "manutenção e cuidados", teve também gastos de US\$ 17,9 milhões.

O rombo contribuiu para que a companhia tivesse prejuízo de US\$ 1,023 bilhão no período e de US\$ 1,048 no acumulado dos nove primeiros meses deste ano. "Em 2011, a companhia começou a construir seu portfólio de projetos incluindo Mercedes, Ernesto/Pau-a-Pique, C1 Santa Luz e Pilar em um ambiente em que os preços do metal estavam 20% superiores do que estão hoje", afirmou a empresa em seu balanço do terceiro trimestre.

A Yamana se instalou no Brasil em 2003, com a compra dos ativos Fazenda Nova, São Vicente, São Francisco e Chapada, que eram Mineração Santa Elina e da mina "Fazenda Brasileiro" da Vale. Atualmente, seus três maiores projetos no Brasil são os de Chapada, Jacobina e Fazenda Brasileiro, já em fases finais de exploração. Juntos, os três corresponderam por 21% da produção de ouro equivalente da empresa no ano passado, medida que considera também a prata convertida em ouro.

O movimento de separação de ativos tem sido frequente na mineração. No caso da Yamana, a ação é mais impactante para o Brasil por indicar uma mudança de estratégia para o país. O ânimo inicial da empresa com o país minguou nos últimos anos,

acompanhando a forte queda do preço do ouro. De US\$ 1,8 mil por onça em 2011, o metal precioso caiu para US\$ 1,2 mil atualmente. Cada onça corresponde a 31,1 gramas.

O novo contexto do mercado reduziu expressivamente o retorno das operações da empresa e, em alguns casos, impediu que chegassem ao equilíbrio.

Fora do país, a Yamana tem duas operações no Chile; cinco na Argentina, duas delas em fase de desenvolvimento e uma em análise; uma no México e uma joint-venture no Canadá. O Brasil produz cerca de um quarto do ouro da empresa. No ano passado, foram 1,2 milhão de onças, sendo 310 mil extraídas do solo brasileiro. A empresa estimava chegar a 1,4 milhão de onças este ano (até setembro, somou 995 mil onças) e chegar a 1,8 milhão em 2018.

No ano passado, em que a queda do preço do ouro afetou fortemente as companhias do setor em todo o mundo, a Yamana teve prejuízo de US\$ 474 milhões e receita de US\$ 1,8 bilhão, 21% abaixo do valor de 2012. No terceiro trimestre deste ano, a receita somou US\$ 501,2 milhões, 10% acima do valor do mesmo período de 2013.

Em nota ao mercado, o presidente executivo da Yamana, Peter Marrone, afirmou ontem que o foco da companhia permanecerá nos ativos principais. "Esses ativos são os nossos melhores contribuintes para o fluxo de caixa, para manter a maior da nossa produção e os melhores custos e têm potencial significativo", afirmou. A leitura do mercado é de que a Yamana está se preparando para uma recuperação de seu resultado global.

A companhia perdeu metade de seu valor na bolsa de valores de Toronto e Nova York neste ano e reduziu o pagamento de dividendos. A baixa contábil e a separação dos ativos mostram que a empresa não perdeu suas esperanças e que está adotando medidas para melhorar sua performance no longo prazo, afirmou ontem o analista Anup Singh, em nota publicada no "Seeking Alpha".

Ele acredita que a Yamana se prepara para uma estrutura de ativos mais forte para colher frutos no momento de recuperação de preço do ouro. A consultoria Nomura, em revisão de suas projeções para o ano que vem, calculou US\$ 1,46 mil por onça, de US\$ 1,2 mil por onça na estimativa anterior. O baixo de produção nas operações principais é outro ponto positivo. A empresa informou em outubro valor médio de US\$ 671 por onça com seus ativos-chave.

Procurada, a companhia afirmou que não poderia se manifestar sobre seus ativos no Brasil.

43-11/12/2014

Na mina de Maracá, o cobre "vale ouro"

Por **Olivia Alonso** | De Alto Horizonte (GO)

Não à toa, o projeto Chapada é um dos favoritos da Yamana, que não pretende perdê-lo. Com o menor custo de produção de toda a companhia, o projeto ajuda a derrubar seu custo médio de produção. Mais do que isso, tem uma importante vantagem em relação às demais operações: seu grande volume de produção de cobre. Em um momento de forte queda do preço do ouro, a estabilidade da cotação do metal vermelho tem ajudado a equilibrar os resultados da empresa.

Com uma gigantesca mina de cobre e ouro à céu aberto que supera 10 km de extensão, em Alto Horizonte (GO), a unidade tem custo de produção de aproximadamente US\$ 400 por onça, metade da média da companhia, de US\$ 800 a US\$ 850 por onça.

Conhecido como Maracá, apelido derivado do nome da empresa responsável pela operação, Mineração Maracá, o projeto produz cerca de 60 mil toneladas de cobre (130 milhões de libras) ao ano, além das 110 mil onças de ouro.

Considerando a cotação atual de US\$ 6,4 mil por tonelada, o metal vermelho de Maracá pode garantir à Yamana uma receita superior a US\$ 370 milhões neste ano. Se a companhia repetir as receitas do ano passado, de US\$ 1,8 bilhão, o cobre de Goiás corresponderá por aproximadamente um quinto do total em um ano. Considerando também o ouro, Chapada teve receita de US\$ 331 milhões nos primeiros nove meses deste ano.

O custo inicial do projeto foi outro ponto positivo. A Yamana precisou investir apenas US\$ 250 milhões no Chapada, um valor baixo considerando a vida da mina e a produção. Implantado em 2005, o projeto teve seu primeiro embarque comercial já em 2007 e poderá ser explorado até 2032, nas estimativas da empresa.

A mina é dividida em três partes: cava principal, com 7 km, cava norte e corpo sul, com exploração à céu aberto. Os degraus formados pelas escavações - que superam 200 metros de profundidade - formam uma arquibancada gigante de minério cinzento com um lago azul no centro. O corpo sul, que começou a ser explorado neste semestre, tem um melhor teor de concentração de ouro e está contribuindo para o aumento da produção, disse a companhia em seu balanço trimestral.

Todos os dias, cerca de 40 caminhões carregando 150 toneladas de minério, em média, circulam pela mina retirando o minério para a pilha pulmão, de onde o material é levado para o beneficiamento. Considerando mina e unidade de beneficiamento de minério, o projeto emprega cerca de 1,3 mil pessoas, entre funcionários diretos e terceirizados.

Nas redondezas e no restante do Estado, a Yamana também tem a possibilidade de desenvolver os projetos Santa Cruz, próximo ao corpo sul, Suruca, também na região de Chapada, e Caiamar, nos municípios goianos de Crixás e Guarinos.

44-11/12/2014

Vale apressa o passo em busca de definição para fertilizantes

Por **Carine Ferreira** | De São Paulo

Murilo Ferreira, presidente da Vale: trabalho intenso para um acordo da área

Um ano após admitir que procurava um sócio estratégico para a divisão de fertilizantes, em linha com sua estratégia de concentrar o foco em minério de ferro, carvão e metais básicos, a Vale dá sinais de que tenta apressar o passo para finalmente definir o modelo de parceria que pretende adotar nessa frente. Enquanto isso, os investimentos da empresa para elevar a oferta doméstica de matérias-primas para a produção de adubos patinam e abrem espaço para um contínuo aumento das importações, que já representam cerca de 70% de uma demanda que não para de crescer.

Fontes desse mercado afirmam que a Vale pode optar por se associar a apenas um grande grupo ou partir para associações menos ambiciosas e restritas a projetos específicos. De qualquer forma, dizem essas fontes, a mineradora busca companhias com know-how em fertilizantes e não pretende se desfazer do controle dos negócios que foi "convencida" a comprar durante o governo Lula. A depender do modelo escolhido, especula-se, uma ou mais joint ventures poderão ser estabelecidas.

Sem dar pistas sobre o caminho que vai seguir, a Vale tem destacado que continua à procura de uma definição estratégica para fertilizantes. Na terça-feira, por exemplo, o presidente da empresa, Murilo Ferreira, disse que a empresa continua a trabalhar "intensamente" para chegar a um acordo nesse segmento.

Seja qual for o modelo, uma das mais cotadas para se associar à Vale é a multinacional norueguesa Yara - que procurada, limitou-se a informar que "não comenta rumores de mercado". Segundo especialistas, a Yara tem interesse em ampliar sua participação em fertilizantes derivados do fosfato no Brasil - e a Vale é a maior fabricante nacional desse tipo de nutriente. Em linha com essa estratégia, os noruegueses acabam de concluir a aquisição de 60% da brasileira Galvani.

Globalmente, a Yara é mais conhecida por sua liderança na área de fertilizantes derivados do nitrogênio, cuja produção no Brasil é dominada pela Petrobras. A múlti começou a atuar no Brasil na década de 1970. A partir dos anos 2000, iniciou aquisições no país e hoje é líder no mercado doméstico de distribuição de adubos ao consumidor final, com participação da ordem de 25%.

Essa posição foi garantida sobretudo com a aquisição das operações de adubos da americana Bunge, em uma operação finalizada em 2013. A Yara passou a contar então no país, no total, com três unidades que produzem fertilizantes fosfatados e com 33 fábricas misturadoras.

Cogitou-se também no mercado a possibilidade de a Vale se associar à indiana IFFCO, que garante ser, entre as cooperativas, a maior fabricante e distribuidora de fertilizantes

do mundo. Procurado, o grupo preferiu não se manifestar sobre o assunto "neste momento". No ano passado, a IFFCO anunciou que fechou um contrato de longo prazo de compra de rocha fosfática das minas de Bayóvar, no Peru, que pertencem à Vale.

A mineradora voltou ao mercado de fertilizantes com a aquisição das participações de multinacionais na Fosfertil, que foi privatizada na década de 1990 e dividida entre companhias nacionais antes de passar ao controle estrangeiro. O último capítulo da retomada da Fosfertil ao controle nacional foi em 2010, quando a Vale concluiu, por US\$ 4,7 bilhões, a compra de ativos da Bunge no segmento.

Até por conta da pressão do governo, a tacada da Vale gerou grande expectativa no mercado brasileiro, historicamente dependente de fertilizantes importados. Contudo, a empresa não partiu para uma onda de investimentos no segmento como se esperava e, apesar do forte aumento da demanda doméstica, a produção brasileira perdeu força - em 2013, houve queda de 4,3% em relação a 2012.

De janeiro a outubro deste ano, o país produziu 7,35 milhões de toneladas de fertilizantes intermediários, queda de 6,5% sobre igual intervalo de 2013, conforme dados da Associação Nacional para Difusão de Adubos (Anda). Na mesma comparação, as vendas internas aumentaram 5,7%, para 27,448 milhões de toneladas, e estimularam um incremento de 11% das importações, que atingiram 20,421 milhões de toneladas.

São números que mostram que o Brasil ainda está muito longe de reduzir sua dependência dos fertilizantes importados. E o cenário não deve mudar muito nos próximos anos. Poderá até piorar, tendo em vista que as fontes naturais locais são de fato escassas e que novos projetos de exploração demandam aportes bilionários.

Não bastasse isso, executivos do segmento afirmam que os baixos investimentos na produção de matérias-primas para a produção de adubos no país também esbarram na falta de isonomia tributária, já que o produto importado não é taxado, ao contrário do produzido localmente. Equilibrar essa conta já é um pleito antigo dos fabricantes instalados no Brasil, mas sobre o qual ainda não há qualquer sinal de mudança.

Em 2013, calculava-se que os investimentos em produção de matérias-primas para fertilizantes no Brasil até 2018 somariam US\$ 13 bilhões, de acordo com informações compiladas pela Anda. Desse total, a Vale representava a maior parte. Cálculos da entidade davam conta que o montante poderia representar uma produção adicional de 9 milhões de toneladas de fertilizantes intermediários e aliviar em US\$ 4,5 bilhões o déficit da balança do segmento.

Analistas realçam, finalmente, que mesmo que a Vale vendesse seus ativos para outra empresa com caixa ilimitado para investimentos, pouca coisa mudaria de fato, dada a escassez de fontes economicamente viáveis de nutrientes derivados do fosfato e da falta de fontes de potássio.

45-11/12/2014

Queda do preço dificultou equilíbrio de Pilar

Por **Olivia Alonso | De Pilar de Goiás**

Como se fossem ruas e avenidas, as galerias e canais da mina de ouro da Yamana, em Pilar de Goiás, percorrem mais de 40 km, a uma profundidade de 200 metros. Por baixo do cerrado e da cachoeira do Ogó, a mina parece uma cidade subterrânea, onde sempre é noite. Transitam por ali, em três turnos, equipes de exploração mineral, em busca do metal precioso, e de infraestrutura, para garantir a estabilidade das galerias e as condições de trabalho, com oxigênio, água e iluminação.

Apesar de ser pequena na comparação com as maiores do mundo, que chegam a superar os 5 km de profundidade, a mina Pilar foi alvo de dedicação e trabalho da Yamana nos últimos anos. A companhia deu início às atividades na unidade, a 260 km de Goiânia, em 2006. Quatro anos depois, começou a abertura da mina. Neste ano, porém, justamente quando a operação se torna comercial, a companhia coloca entre seus projetos menos importantes. Pilar foi considerado um ativo secundário e está no pacote que vai dar origem à empresa Brio Gold.

Com investimento de US\$ 500 milhões, Pilar tinha potencial para ser um projeto com bom retorno para a companhia, ainda que tivesse uma perspectiva de vida útil de apenas uma década. Com a forte queda do preço do ouro desde o ano passado, ficou com seu balanço apertado. Em outubro, a Yamana informou que fez no terceiro trimestre uma baixa contábil de US\$ 164 milhões em Pilar.

Embora o custo esteja em queda (de um patamar de US\$ 1,8 mil a onça no primeiro semestre), ainda está longe do equilíbrio com o preço do metal no mercado. Em seu balanço do terceiro trimestre deste ano, divulgado em outubro, a companhia afirmou que reduziu a produção na unidade para realizar melhorias operacionais, após desafios na fase de comissionamento, e que está focada na redução dos custos de produção.

A decisão de investir no projeto aconteceu justamente quando o preço do ouro superava US\$ 1,8 mil a onça. Com esse descasamento dos custos de produção e do preço do ouro, Pilar acabou perdendo importância para a empresa apesar de ter um grande potencial de produção em volume de ouro. Com estimativa de 60 mil onças inicialmente, a operação pode chegar a 90 mil nos anos seguintes, considerando também o pequenas minas próximas adjacentes, segundo a Yamana.

Para chegar a esses volumes, os investimentos são, de fato, pesados. O custo de desenvolvimento de uma mina subterrânea é de cerca de US\$ 3 mil o metro. O trabalho inclui a preparação e a procura de ouro. No caso de Pilar, cerca de 240 funcionários são necessários na mina durante toda sua vida útil, o que inclui equipes de geólogos, engenheiros, técnicos e operadores de equipamentos. No total, a Yamana empregava ao

fim do primeiro semestre 531 pessoas no local e tinha 316 funcionários terceirizados, pouco mais de um quarto da população da cidade, que tem cerca de 3 mil habitantes.

46-11/12/2014

Depois de 9 anos, País volta a contratar usina a carvão

ESTADÃO conteúdo

O carvão mineral, insumo que foi praticamente banido dos novos projetos de geração de energia no Brasil, voltou à carga na matriz elétrica. Depois de nove anos, um projeto de usina térmica alimentada por carvão volta a ser contratado pelo governo, para gerar energia.

No leilão realizado nesta sexta-feira, 28, a Tractebel Energia, empresa do grupo GDF Suez, conseguiu fechar negócio para construção da usina Pampa Sul, que será erguida no município de Candiota (RS). O projeto foi viabilizado com a proposta de R\$ 201,98 por megawatt/hora.

Com 340 MW de capacidade instalada, Pampa Sul deve entrar em operação em janeiro de 2019. A usina será construída pela empresa chinesa Sdepci.

"Esse projeto da Tractebel abre um novo ciclo para o carvão na geração de energia no País", disse Luiz Fernando Zancan, presidente da Associação Brasileira de Carvão Mineral (ABCM).

O leilão A-5, realizado para contratar projetos que entrarão em operação daqui a cinco anos, chegou a habilitar dez projetos de térmicas a carvão, que somavam 4.490 MW. Somente Pampa Sul, no entanto, teve proposta vencedora no leilão.

"Acredito que muitos projetos foram prejudicados por conta do risco no prazo da obra. Estamos entrando em dezembro. Na realidade, as empresas não teriam cinco anos para construir as usinas, mas quatro. Isso influenciou negativamente", comentou Zancan.

O Brasil deixou de contratar usinas a carvão, com o objetivo de ampliar o uso de fontes limpas e alternativas de energia. Perguntando sobre o fato de o País voltar a contratar uma das fontes mais sujas de geração, o presidente da ABCM disse que o Brasil tem

hoje 80% de geração renovável e que esse porcentual não cairá, dado o montante de outras fontes contratadas.

"O País não está sujando coisa nenhuma, nem estamos na contramão da história. O fato é que precisamos de energia garantida, firme, o que o carvão consegue oferecer", comentou.

Por meio de nota, a Tractebel informou que, do total de 7.027 MW de projetos de geração que possui, 1.119 MW são provenientes de termelétricas.

Apesar de ter contratado 340 MW, o projeto de Pampa Sul prevê uma segunda planta, para geração de mais 340 MW. Para colocar seu projeto no leilão, a companhia teve de acelerar seu processo de licenciamento ambiental. A licença prévia, necessária para entrar na disputa, foi concedida no início deste mês.

Ao todo, o projeto da empresa é estimado em R\$ 1,9 bilhão, com aplicação de R\$ 1 bilhão em equipamentos nacionais e R\$ 900 milhões em importação. A geração de empregos diretos é estimada em 1.848 vagas no segundo ano de instalação, quando a usina deve estar no auge das obras. Outros 8 mil empregos indiretos devem ser gerados.

O plano para Pampa Sul prevê que o carvão mineral será extraído da jazida de Candiota. No processo de queima do combustível, esse carvão é queimado com calcário e areia, para reduzir gases poluentes. Nesse processo, é gerado gesso como subproduto, que pode ser reaproveitado.

Hoje o carvão mineral é o combustível utilizado para a gerar 40% da energia no mundo. No Brasil, sua participação na matriz energética é pequena, de apenas 1,4% da energia gerada.

47-11/12/2014

Indústria de transformação cresce 0,7% no 3º trimestre

ESTADÃO conteúdo

O segmento extrativo mineral foi destaque da indústria no terceiro trimestre do ano, com crescimento de 2,2% na comparação com o trimestre imediatamente anterior, informou o Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística (IBGE), nesta sexta-feira, 28.

"A indústria extrativa mineral teve desempenho puxado pelo aumento em petróleo e gás e minérios ferrosos", afirmou a gerente da Coordenação de Contas Nacionais do IBGE, Rebeca de La RocquePalis.

A indústria de transformação e construção civil apresentaram resultado positivo após quatro trimestres de queda consecutivos. O primeiro teve aumento de 0,7% no terceiro trimestre ante o segundo trimestre deste ano, enquanto o segundo variou 1,3% na mesma base de comparação. Já a produção e distribuição de eletricidade, gás e água ficou estável, com variação de 0,1%.

Indústria extrativa mineral

A atividade extrativa mineral foi o principal destaque da indústria no PIB do terceiro trimestre, com alta de 8,2% na comparação com igual trimestre do ano passado. O desempenho foi beneficiado tanto pelo aumento da extração de petróleo e gás, quanto de minérios ferrosos. A produção e distribuição de eletricidade, gás e água também teve desempenho positivo com alta de 0,6%.

A indústria de transformação recuou 3,6%, tendo como destaques negativos a indústria automotiva, máquinas e equipamentos, produtos de metal, metalurgia e mobiliário. "Os destaques negativos estão, em sua maior parte, na produção de bens de capital, que influenciam negativamente investimentos, e bens de consumo", disse Rebeca Palis, gerente da coordenação de Contas Nacionais do IBGE.

A construção civil também puxou o resultado para baixo, com queda de 5,3%. Apesar de negativas, Rebeca destacou que a indústria de transformação e a construção vieram melhor que em trimestres anteriores.

48-11/12/2014

BHP Billiton vê consumo de aço na China desacelerando em 2015

Reuters

XANGAI (Reuters) - A gigante de mineração BHP Billiton espera que o crescimento do consumo de aço da China desacelere no ano que vem e já ajustou sua estratégia para lidar com o excesso de oferta que causou o colapso nos preços globais, disseram executivos nesta quinta-feira.

"Antecipamos a mudança na direção das condições de mercado atuais e o rebalanceamento da oferta e da demanda após um período de expansão maciça, num momento em que a oferta enfrenta dificuldades com a demanda, vimos essas mudanças chegando muito antes", disse o presidente-executivo, Andrew Mackenzie.

Este é um sinal de que uma das grandes em minério de ferro está reduzindo as expectativas após anos de otimismo sobre a demanda chinesa. Mackenzie acrescentou que a BHP parou de aprovar novos investimentos em grandes incrementos na produção de minério de ferro já em 2011.

A BHP Billiton e outras grandes mineradoras embarcaram em um programa de rápida expansão da capacidade de produção, apostando no crescimento sustentado da demanda na maior compradora, a China.

No entanto, embora as importações na China tenham disparado, os preços caíram quase pela metade para menos de 70 dólares por tonelada, com o crescimento da produção de aço no país desacelerando para cerca de 3 por cento.

A BHP disse que embora o crescimento da produção chinesa deve permanecer por volta de 3 por cento a 3,5 por cento até 2020, agora espera-se uma desaceleração no consumo.

"O crescimento do consumo é de cerca de 1,5 por cento neste ano, desacelerando para entre 0,5 por cento e 1,5 por cento no ano que vem -- vemos crescimento modesto a marginal no consumo de aço", disse o gerente geral e de marketing de minério de ferro, Alan Chirgwin.

49-12/12/2014

Queda do minério de ferro afeta balança comercial

A queda do preço do minério de ferro deve dificultar a retomada da balança comercial do Brasil. O produto é o principal item da pauta de exportação do País - entre janeiro e novembro, respondeu por 11,5% do total vendido pela economia brasileira.

Em valores, nesse período, os recursos obtidos com a venda do minério somaram US\$ 23,8 bilhões. No auge, em 2011, as exportações com o produto chegou a US\$ 41,8 bilhões, segundo dados compilados pela Fundação Centro de Estudos do Comércio Exterior (Funcex).

Há duas razões para a atual queda na cotação do minério de ferro. Primeiro, há um efeito de ociosidade por causa da maturação de vários investimentos feitos no passado em países produtores - como Brasil e Austrália - e que agora provocam um aumento da oferta do produto. Segundo, a desaceleração da China e conseqüentemente a menor demanda pelo produto também pressiona para baixo o preço do produto. "O aumento da oferta é o principal fator para a queda dos preços", diz o presidente da Associação de Comércio Exterior do Brasil (AEB). O excedente de oferta é estimado entre 5% e 10%.

O preço médio de exportação do minério de ferro deve encerrar 2014 em US\$ 75 - no ano passado, o valor da tonelada exportada foi de US\$ 98. "O Brasil também está exportando menos minério de ferro porque a China começou a usar o seu próprio minério", afirma Daiane Santos, economista da Funcex. "Com essa decisão, a China consegue controlar o preço do minério."

Efeito

A desvalorização do preço do minério de ferro e de outras commodities (como petróleo e soja) devem levar o Brasil ao primeiro déficit na balança comercial em 14 anos. No acumulado de janeiro a novembro, as importações superaram as exportações em US\$ 4,22 bilhões - o pior resultado para o período desde 1998.

Na segunda-feira, 1, ao divulgar os dados de novembro, o próprio Ministério do Desenvolvimento Indústria e Comércio Exterior (MIDC) passou a projetar um déficit para 2014. "Este ano o déficit comercial é muito ruim porque ele agrava o quadro já difícil cenário da conta corrente", diz José Augusto de Castro, presidente da Associação de Comércio Exterior do Brasil (AEB).

O déficit em conta corrente, que inclui balança comercial, serviços, juros, dividendos e remessas, alcançou 3,73% do Produto Interno Bruto (PIB) no acumulado em 12 meses até outubro - o resultado indica uma elevada necessidade de financiamento externo da economia brasileira.

Futuro

Para 2015, a expectativa é de que a capacidade de produção aumente ainda mais, o que deve dificultar a subida do preço do minério de ferro e conseqüentemente uma melhora da balança comercial do Brasil.

O cenário negativo para a balança é reforçado porque os países compradores de produtos manufaturados das empresas brasileiras, sobretudo a Argentina, estão com uma situação econômica bastante complicada.

Na avaliação do presidente da AEB, a economia brasileira poderá ter até um superávit no ano que vem, mas ele pode ter como causa principal a queda nas importações diante da redução da demanda interna. "É difícil prever o comportamento das importações para 2015. Mas, se as exportações caírem mais do que as importações, o Brasil poderá ter até um superávit", diz. As informações são do jornal O Estado de S. Paulo.

50-12/12/2014

O Cade aprova a venda da participação da Vale na Fosbrasil

A Vale estará vendendo por US\$52 milhões os seus 44,25% da Fosbrasil, a maior produtora de ácido fosfórico do hemisfério sul. A compradora é a Israel ChemicalsLtd a ICL, que é a terceira maior produtora de bromo, a sexta de potássio e uma líder na produção de ácido fosfórico.

Fonte: www.geólogo.com.br

51-12/12/2014

LARGO COMEÇA ESTUDO DE VIABILIDADE PARA PRODUZIR PLATINA NA BAHIA

A Largo Resources informou na última terça-feira (9) que deu início ao estudo preliminar de viabilidade para avaliar o potencial da produção de concentrados de platina e PGM a partir do rejeito da mina de vanádio Maracás Menchen, na Bahia, que pertence à Vanádio Maracás.

De acordo com o comunicado enviado ao mercado pela mineradora, no atual processo de produção de vanádio, materiais não-magnéticos contendo run-of-mine (ROM) de platina são separados magneticamente durante o processo de beneficiamento e estocados nos rejeitos.

A Largo disse que conduziu pesquisas preliminares para avaliar o potencial da produção de concentrado de platina como um coproduto. Segundo a mineradora, as primeiras descobertas apontaram que há, de fato, potencial para produzir platina além do pentóxido de vanádio (P₂O₅).

O estudo preliminar de viabilidade está sendo conduzido pela DRA Taggart, uma empresa de engenharia e gestão de projetos com sede em Joanesburgo, África do Sul. A

companhia vai avaliar a possível produção de platina e determinar as perspectivas econômicas para o projeto.

A Largo disse que espera divulgar no fim do ano o relatório para apresentar mais detalhes. A mineradora afirmou que está avaliando sua condição para monetizar esses coprodutos para propostas de planejamento financeiro.

Na última semana de novembro, a Largo informou que os resultados iniciais das análises de amostras iniciais do programa de pesquisa do prospecto Capivara, na região de Maracás, apontaram alto teor de platina.

A mineradora informou na semana passada que o ramp-up da produção e os embarques comerciais de vanádio na mina Maracás Menchen, na Bahia, já estavam em andamento. A média diária de produção da mineradora está em 11 toneladas a 18 toneladas de pentóxido de vanádio, volume que representa entre 45% e 65% da capacidade total.

A Largo Resources é uma empresa de desenvolvimento de pesquisa e exploração mineral de metais estratégicos. No Brasil, além da mina de vanádio Maracás Menchen, a empresa tem 100% de participação em um projeto de titânio e ferrovanádio em Campo Alegre de Lourdes, também na Bahia, e do projeto de tungstênio Currais Novos, no Rio Grande do Norte.

Fonte: Notícias de Mineração Brasil

52-12/12/2014

GENHARIA E MINERAÇÃO SÃO DEBATIDAS EM EVENTO

O campus do Instituto Federal do Espírito Santo (Ifes) em Cachoeiro de Itapemirim encerra nesta sexta-feira (12) a II Semana de Engenharia de Minas (Seminas) e o Workshop de Mineração O Calcário e Seus Desafios. O evento, que tem o apoio da prefeitura, reúne empresários, pesquisadores, técnicos, gestores, professores e estudantes da área, desde segunda-feira (8), para debater assuntos relacionados às atividades, a partir de palestras, mesa redonda e minicursos.

Para o subsecretário da Ciência, Tecnologia e Inovação de Cachoeiro, Alexandre Gasparini, a iniciativa é de grande importância para o município. A Seminas promoveu discussões acerca das atuais tecnologias e conhecimentos, bem como estreitou relações entre o Ifes, o setor industrial e os órgãos do setor mineral, além do contato com especialistas de todo o Brasil e a interação entre alunos, avalia.

De acordo com o secretário de Desenvolvimento Econômico, Ricardo Coelho, a qualificação dos jovens para prestar serviços à cadeia produtiva de rochas ornamentais, principal vetor da economia local, é fundamental para gerar mais oportunidades para as famílias cachoeirenses, agregando emprego e renda ao município.

Cachoeiro é detentor de grandes jazidas. E a prefeitura vem trabalhando para atrair investidores internacionais, no sentido de verticalizar a produção dos calcários e seus derivados", complementa.

A programação completa da II Semana de Engenharia de Minas pode ser conferida no site www.ci.ifes.edu.br. Também são apoiadores do evento o Sindicato da Indústria de Rochas Ornamentais, Cal e Calcários do Estado do Espírito Santo (Sindirochas), o Centro Tecnológico do Mármore e Granito (Cetemag), o Conselho regional de Engenharia e Agronomia (Crea-ES) e Marbrasa.

Fonte: Prefeitura de Cachoeiro do Itapemirim

53-12/12/2014

PRÊMIO SDSN-AMAZÔNIA É LANÇADO NA COP-20

Foi lançado na COP 20 o Prêmio SDSN Amazônia, iniciativa da Rede de Soluções para o Desenvolvimento Sustentável para a Amazônia - SDSN Amazônia (sigla em inglês), integrante do projeto global da Organização das Nações Unidas (ONU). O Prêmio objetiva identificar e reconhecer as melhores soluções para questões socioambientais relacionadas ao desenvolvimento sustentável da Amazônia, considerando as ações realizadas e implementadas por organizações privadas, públicas, acadêmicas e do terceiro setor da Amazônia Continental: Bolívia, Brasil, Colômbia, Equador, Guiana, Peru, Suriname e Venezuela.

As inscrições estarão abertas de 04 de fevereiro a 02 de abril de 2015. Mais informações [nowwww.sdsnamazonia.org](http://www.sdsnamazonia.org).

O Prêmio SDSN-Amazônia está organizado em seis categorias: Gestão de Terras Indígenas, Gestão de áreas protegidas, Mineração, Infraestrutura, Educação e Desenvolvimento na primeira infância.

Uma comissão de especialistas nos temas envolvidos julgará os projetos inscritos e indicar dez finalistas e três vencedores em cada categoria, a partir dos critérios de avaliação: visão de futuro, potencial de replicabilidade, originalidade e inovação do projeto; uso de metodologias participativas; formação de redes e parcerias intersetoriais e relevância do projeto para especificidades da Amazônia.

Além dos prêmios em dinheiro, os vencedores terão suas experiências divulgadas na Plataforma SDSN-Amazônia como exemplos de soluções para os Objetivos do Desenvolvimento Sustentável (ODS), que estão sendo definidos pela ONU para vigorarem entre 2015 e 2030. Além disso, serão estimulados, por um ano, a participarem de eventos que disseminem sua solução.

"O Prêmio não pretende avaliar os setores e empreendimentos em si, a superação dos desafios para a conservação da Amazônia. Estes exemplos devem servir de modelo para

diversas regiões", comenta Virgílio Viana, superintendente geral da Fundação Amazonas Sustentável (FAS) e presidente da SDSN-Amazônia.

Fonte: Ambiente Press

54-12/12/2014

IBRAM PREMIA MINERADORAS POR MELHORES PRÁTICAS EM SEGURANÇA DO TRABALHO

O prêmio Melhores Práticas em Saúde e Segurança do Trabalho (SST), promovido pelo **Instituto Brasileiro de Mineração - IBRAM** (www.ibram.org.br), elegeu na última terça-feira (9) os melhores projetos de segurança em mineração. As companhias Mineração Rio do Norte, Samarco Mineração e Anglo American foram as vencedoras das três categorias em que o prêmio é dividido.

O **IBRAM** separa o prêmio nas categorias Atendimento às Emergências, Sistemas de Comunicação de SST Eficazes Utilizados nas Operações de Trabalho e Sistemas Eficazes de Capacitação de Trabalhadores.

Na categoria Atendimento às Emergências, a Mineração Rio do Norte ficou com o primeiro lugar, com o projeto “Simulados de Emergência MRN 2013”. Na sequência, em segundo lugar, aparece a Votorantim Metais, seguida por Yamana Gold e a Votorantim Metais Zinco, que dividiram a terceira posição.

Na categoria Sistemas de Comunicação de SST, a Samarco Mineração ficou na primeira posição com o projeto “Sistema de Bloqueio Lógico Redundante”. Em segundo lugar, ficou a AngloGoldAshanti Córrego do Sítio Mineração, seguido pela Mineração Usiminas, que ficou em terceiro.

Por último, a categoria Sistemas Eficazes de Capacitação de Trabalhadores teve a Anglo American na primeira posição, com o projeto “Capacitação em Segurança e Saúde Ocupacional”. O segundo lugar ficou com a Vale, e na terceira posição, a Yamana Gold.

O evento contou com a presença de aproximadamente 100 pessoas, que puderam conhecer, em primeira mão, os projetos vencedores. A iniciativa, que tem como objetivo valorizar e estimular o desenvolvimento de programas que garantam a integridade dos trabalhadores do segmento, teve o patrocínio do Sesi/CNI.

A abertura oficial do evento foi feita pelo Diretor de Assuntos Ambientais do **IBRAM**, Rinaldo Mancin, que representou o Diretor-Presidente do **IBRAM**, José Fernando Coura. Ele falou que saúde e segurança são hoje um dos maiores desafios do setor de mineração, principalmente entre as empresas de pequeno e médio porte.

O evento teve ainda o talk show “A mineração no século XXI: Saúde e Segurança como valor e elemento chave para a competitividade do setor”. O debate foi mediado pela

jornalista Inácia Soares, da Band News, que expôs assuntos de grande interesse para a indústria mineral.

O prêmio foi realizado na Federação das Indústrias de Minas Gerais (Fiemg) e promovido por meio do Programa Especial de Saúde e Segurança na Mineração do **IBRAM**.

Fonte: Notícias de Mineração Brasil

55-12/12/2014

Potássio no foco

A mineradora anglo-australiana BHP Billiton está prestes a "aumentar" sua atuação em fertilizantes. A múlti informou que vê boas possibilidades de aumento da demanda de potássio na China e que, com isso, os adubos poderão se somar às demais quatro áreas-chave para a empresa - minério de ferro, petróleo e gás natural, cobre e carvão.

"Potássio pode ser nosso quinto pilar", disse Mike Henry (foto), presidente da área de saúde, segurança, marketing de ambiente e tecnologia da BHP. A BHP é dona do projeto de potássio Jansen, em desenvolvimento no Canadá.

Fonte: Valor